



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

A SECA DE 1970 EM SALGADINHO - PB: SOCIEDADE, SAQUE E MIGRAÇÃO

JUACI OLIVEIRA DOS SANTOS

Campina Grande
Novembro de 2015

A SECA DE 1970 EM SALGADINHO - PB: SOCIEDADE, SAQUE E MIGRAÇÃO

JUACI OLIVEIRA DOS SANTOS

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha

Campina Grande
Novembro de 2015



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

JUACI OLIVEIRA DOS SANTOS

A SECA DE 1970 EM SALGADINHO - PB: SOCIEDADE, SAQUE E MIGRAÇÃO

Monografia avaliada em ____ / ____ /2015 com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha - UFCG

Examinador interno: Prof. Dr. José Benjamim Montenegro - UFCG

Examinador externo: Prof. Ms. Josinaldo Gomes da Silva

Dedico esta produção a todas as pessoas pobres do município de Salgadinho-PB e que vivenciaram a seca de 1970.

AGRADECIMENTOS

Um espaço como este pode parecer deveras reduzido quando comparados à quantidade e a intensidade de apoios que uma tarefa como esta demanda, em uma caminhada tão longa como é uma graduação e vez por outra pode parecer solitária, principalmente nas longas madrugadas, mas ao chegarmos ao fim dessa “íngrata” tarefa percebemos a quantidade de pessoas que são mobilizadas e que exerce influências direta ou indiretamente ao logo desse grande percurso da vida de um graduando. São tantas pessoas envolvidas durante uma graduação que pode parecer falhar qualquer tentativa de nomear a todos. Recebam todos os meus mais humildes e sinceros agradecimentos. Contudo, não poderia de destacar:

A minha família, principalmente ao meu pai, Juarez Antônio dos Santos, que sempre me incentivou a continuar e nunca desistir dos meus sonhos, mesmo a tarefa parecendo bastante árdua, a minha mãe, Marineude Gomes de Oliveira, que vez por outra possa ter “ficado com o pé atrás” com algumas das minhas escolhas, mas sempre me incentivou a continuar. Não poderia de esquecer da minha segunda família, minha madrinha, Eliana Maria da Nóbrega e o meu padrinho, Inácio Leite Sobrinho que em um ato admirável cederam espaço em sua própria residência, em todas as etapas dessa caminhada e foram fundamentais para que a realização desse sonho fosse possível.

A todos os profissionais que compõe a Unidade Acadêmica de História, desde os técnicos-administrativos até os professores que sempre estão dispostos a auxiliar os alunos, em especial, a meu orientador, Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha que pacientemente leu os meus textos, sempre disposto a ajudar, tanto de forma presencial quanto virtual, me deixando a vontade para administrar o tempo e o meu ritmo de produção.

A todos os meus colegas de graduação em especial aos meus amigos, Rafael Oliveira Sousa e Wilker de Oliveira Araújo.

Não poderia esquecer de agradecer a todos os meus professores da educação básica que sempre nutri tanta admiração, em especial ao meu eterno professor de História, Josinaldo Gomes da Silva, que sempre esteve presente e também contribui para a produção desse trabalho de pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os entrevistados que cederam um pouco do seu tempo e se deram ao trabalho de lembrar o passado não tão distante, revelando essas memórias e principalmente, confiaram no meu profissionalismo e no uso que seria dado aos seus relatos de memória.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os aspectos da seca de 1970 no município de Salgadinho, Paraíba, privilegiando as ações cotidianas de sobrevivência desenvolvida pelas pessoas pobres do referido município. As ações aqui discutidas são: as características econômicas e da sociedade salgadinhense, os aspectos relacionados a seca na Paraíba e em Salgadinho e a migração de pessoas pobres ocasionada pela decorrência desse fenômeno, sempre com a preocupação de revelar aspectos da história cotidiana desses migrantes. As fontes utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa foram: história oral/relatos de memória, arquivos oficiais da Prefeitura Municipal de Salgadinho e arquivos jornalísticos.

Palavras-chaves: Seca, 1970, Salgadinho, Paraíba.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Localização do município de Salgadinho - PB por Raphael Lorenzeto de Abreu	19
Figura 2: Inscrições rupestres da gruta do morcego. Fotos: Juaci Oliveira.....	20
Figura 3: Inscrições rupestres da gruta do morcego. Fotos: Juaci Oliveira.....	20
Figura 4: Inscrições rupestres da gruta do morcego. Fotos: Juaci Oliveira.....	20
Figura 5: Ofício da prefeitura municipal de Salgadinho encaminhado ao diretor geral de assuntos culturais no dia 10 de agosto de 1977.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de habitantes do município de Salgadinho entre os anos de 1970 e 2010..... 54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de Habitantes segundo o IBGE e a Prefeitura Municipal de Salgadinho.... 55

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO:	13
CAPÍTULO I: Salgadinho - PB: origem e características do município	19
1.1 Origem do município:	19
1.2 Demografia do município em 1970:.....	23
1.3 Clima, economia e as relações de poder em Salgadinho:	24
CAPÍTULO II: A seca de 1970: da Paraíba a Salgadinho.....	29
2.1 A cultura de previsão das secas:.....	30
2.2 A expectativa da chuva e a angústia da seca:	31
2.3 As ações governamentais:	36
2.4 A seca em Salgadinho: a partir dos populares:	39
2.5 O agravamento da seca e a disputa por alimentos:.....	42
2.6 As ações de “ajuda” aos “flagelados” da seca em Salgadinho:.....	47
CAPÍTULO III: O processo de migração em Salgadinho - PB	49
3.1 Formas de migração:	53
3.2 Migração em Salgadinho durante o ano de 1970:	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	64

INTRODUÇÃO:

Falar de seca¹ no Nordeste é de certa forma falar de algo recorrente. Assim, quando ocorre uma seca intensa na região a produção agrícola é prejudicada, a pecuária é debilitada e as reservas de água se exaurem. Nessas condições, as camadas mais pobres da população são os maiores prejudicados, principalmente a população que habita a zona rural. Historicamente, a sobrevivência dessas pessoas pobres passa a depender das políticas públicas de “socorro” ou da migração para áreas urbanas do próprio Nordeste ou de outras áreas do país.

A seca deixa de ser apenas um fenômeno climático e adquire outros contornos, o fenômeno evidencia a situação de pobreza em que vive ou vivia grande parte dos habitantes da zona rural do Nordeste. Com a seca essas pessoas pobres perdem (iam) as suas únicas fontes de sobrevivência, contribuindo para aumentar ainda mais a situação de penúria em que grande parte da população rural da região vive ou vivia.

Por isso, este trabalho se propõe a discutir os impactos econômicos e sociais promovidos pela seca de 1970 no município de Salgadinho - PB. No caso, analisando o “comportamento” cotidiano dos principais agentes envolvidos no fato, a população pobre do município, flagelada pela seca.

Para isso entendemos que na seca de 1970 o município de Salgadinho não era uma ilha no meio da Paraíba, muitas das ações provocadas em virtude da seca no município eram repetidas em outras regiões do Estado, mas também o município poderia ter suas particularidades, por isso a partir da análise da seca no município percebemos as tramas locais em suas micro vertentes, não deixando de lado os detalhes cotidianos dos sujeitos envolvidos com as ações de sobrevivência ou de convivência com a estiagem.

Pode parecer obvio, mas segundo pesquisa realizada em 1970 por encomenda da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), os efeitos da seca recaíam mais pesadamente sobre a população rural, principalmente os menos favorecidos

¹ A definição do termo “seca”, no Nordeste pode variar, dependendo do profissional que irá defini-lo, no entanto, a seca nesta pesquisa pode ser entendida como a ausência total ou parcial de chuvas em um intervalo de tempo relativamente longo, resultando na perda da lavoura pelo pequeno agricultor, gerando assim problemas socioeconômicos.

economicamente, que nesse caso seriam os pequenos proprietários, os rendeiros, os meeiros, enfim, os trabalhadores que não possuíam terra.

Apesar da seca enquanto objeto de estudo está no “hall” dos temas clássicos da historiografia no Nordeste, há muito o que se produzir sobre o tema, principalmente na atualidade, onde a seca é discutida cotidianamente, em virtude da grande seca que assola toda a região Nordeste e Sudeste nos últimos anos. Trata-se aqui de perceber a seca como um fenômeno que vai além do climático, visualizando os sujeitos atuantes, principalmente a população mais pobre e de áreas rurais.

Portanto, esse trabalho buscou construir uma história das ações de sobrevivência das pessoas pobres no município de Salgadinho-PB, tentando perceber estes como sujeitos ativos nos processos desencadeados durante a seca de 1970.

A história que por vezes beneficiou uma elite em suas abordagens vem mudando nas últimas décadas, passando a dar voz as camadas menos abastadas da sociedade, não que estas fossem esquecidas ou não fossem capazes de produzir sua própria história. Os trabalhos que privilegiam a história dos de baixo vem se popularizando nos meios acadêmicos influenciados principalmente pela história social inglesa.

Que possui como um dos principais membros o historiador E. P. Thompson que propõe que se adote a perspectiva dos vencidos, a história vista de baixo (*history from below*), trazendo ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignoradas, inspirando abordagens muito inovadoras.

Portanto, ao se propor um estudo da seca enquanto fenômeno climático que influência o meio social é previsível que se adote a perspectiva de uma história vista de baixo, a presente pesquisa adotará uma perspectiva de micro análise (Salgadinho) em um universo bem maior (Paraíba), deixando de lado a ideia de multidão enquanto algo “solido ou unânime” e tentando perceber as intencionalidades dos sujeitos presentes nessa multidão, é importante destacar que Thompson não perde de vista as ações individuais no seio da multidão, todavia são ações individuais vinculados a ideia de classe.

A multidão enquanto unidade é formada por sujeitos históricos e serão as singularidades de cada um desses sujeitos analisadas nesse trabalho, deixando um pouco de lado a ideia de multidão sem rostos, e adotado a perspectivas das Marias e dos Joões que fazem parte dessa multidão, que vez por outra buscavam a sobrevivência atacando os

depósitos públicos de alimentos tanto em Salgadinho como em outras regiões do Estado paraibano durante a seca de 1970.

Apesar da temática da seca ser algo bem atual, possuímos uma vasta literatura sobre o tema, posteriormente apresentaremos alguns trabalhos que tratam do tema e que exerceram algum tipo de influência nesse trabalho.

O número de pesquisas sobre a seca na Paraíba cresceram na segunda metade do século XX com a fundação da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Estadual da Paraíba², que fomentaram as pesquisas no Estado, no entanto, ainda no século XIX o paraibano Irineo Joffily, no livro “*Notas sobre a Parahyba*”, publicado em 1892, entre outros temas relacionados com a Paraíba, tratou da seca, embora que a seca nessa obra tenha sido tratada como um fenômeno puramente climático, perspectiva predominante no século XIX.

A partir da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 1905 e posteriormente da criação da Revista do Instituto Histórico, surgiram alguns artigos sobre a seca, mas esse não foi o tema central no momento inicial do instituto, apesar de que um dos membros do Instituto Histórico, José Américo de Almeida, ter publicado em 1923, o livro “*A Paraíba e seus problemas*”, o autor procurou relacionar o flagelo presente na Paraíba ao fenômeno da seca. Fez uma breve análise das ações governamentais voltadas ao socorro dos “flagelados da seca” na segunda metade do século XIX, destacando a ineficiência de tais ações, visto que “essas obras eram, dirigidas pelos chefes políticos locais e, por isso, além de consumirem avultadas quantias no interesse partidário, não obedeciam às necessárias condições técnicas³”.

Assim como já foi citado, só a partir da segunda metade do século XX que a temática da seca ganhou “popularidade”, nessa fase destacamos a dissertação de mestrado em História, da historiadora Lucia de Fatima Guerra, intitulada “*Estrutura de Poder e Secas na Paraíba (1877/1922)*”, publicada em formato de livro em 1993 pela editora da Universidade Federal da Paraíba, intitulada de “*Raízes da Indústria da seca: o caso da*

² SILVA, Josinaldo Gomes. Gente pobre do campo no sertão paraibano: trabalho e resistência (1940-1950). In. Anais eletrônicos do XXVIII - Simpósio nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, SC. 2015. p.1.

³ Apud, SILVA, Josinaldo Gomes. Historiografia Paraibana: Olhares sobre a seca. In. Anais eletrônicos do XVI Encontro Estadual de – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande, 2014. p.5.

Paraíba”. A autora busca analisar como foi engendrada a “indústria da seca” na Paraíba a partir de 1877 com o início da intervenção estatal na região decorrente da grande seca, o estudo tem sequência até o ano de 1922, data que marca o fim da primeira etapa de grandes intervenções do Governo Federal no Estado. Ao longo do trabalho é privilegiado o jogo político que é feito pelas oligarquias locais com o fenômeno da seca, buscando angariar recursos que privilegiavam apenas a elite local, deixando com único perdedor o povo.

Temos também a tese do professor Gervácio Batista Aranha, intitulado “*Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*”, defendida em 2001 na UNICAMP, onde no segundo capítulo o autor busca compreender os jogos do político que marcaram as concessões de trechos ferroviários na Paraíba e região. E dessa forma percebeu toda uma teatrocrazia em torno da seca, presente nos discursos dos parlamentares ligados aos Estados situados na área atingida pela estiagem⁴.

Não foi só na Paraíba que surgiam trabalhos que tinham a seca como objeto, em vários estudos que tratam da região Nordeste esse tema vez por outra é citado, porém vale ressaltar o estudo do historiador Frederico de Castro Neves, intitulado “*A Multidão e a História – Saques e outras ações de massa no Ceará*”, onde o autor buscou analisar as ações diretas da multidão de “retirantes” desabrigados pelas secas que castigaram o estado do Ceará entre os anos de 1877 – 1959. Além dessa pesquisa possuir uma linha temporal relativamente grande é perceptível a influência das ideias de historiador Inglês E. P. Thompson, principalmente da obra “*Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*”.

Chamamos a atenção mais uma vez, para o fato que são inúmeros os trabalhos sobre a seca no Nordeste do Brasil, todavia, destacamos nessa pequena pesquisa bibliográfica apenas os trabalhos que exerceram alguma influência nessa pesquisa.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas fontes jornalísticas, orais, arquivos policias e os arquivos públicos de época da Prefeitura Municipal de Salgadinho.

O jornal utilizado durante toda a pesquisa foi o “*Diário da Borborema*”, jornal de circulação estadual e que possuía sua sede na Cidade de Campina, com correspondentes

⁴ Idem, p.5.

em diversas regiões do Estado. Durante todo o ano de 1970 o jornal noticiou os desastres da “seca de 70” no Estado, os saques promovidos pelos “flagelados”, o deslocamento das massas de “flagelados”, as ações governamentais, etc. De modo que o jornal promoveu uma grande cobertura da seca de 1970 na Paraíba.

A história oral foi operacionalizada dentro da pesquisa a fim de desvendar as experiências e práticas desenvolvidas por sujeitos ativos da seca de 1970 em Salgadinho, na perspectiva de dar espaço (voz) na pesquisa aos sujeitos ativos da seca, principalmente as pessoas pobres que participaram ativamente da luta pela sobrevivência no município de Salgadinho. A metodologia utilizada na pesquisa oral foi tanto o método de história de vida quanto uma entrevista mais direcionada ao tema, nessa etapa da pesquisa foi percebido que na utilização do método de história de vida os entrevistados resumiam grandes temporalidade em uma fala relativamente curta, ocultando os detalhes elemento considerado essencial para esta pesquisa. Assim, ao se feito uma entrevista “mais direcionada” à temática foi perceptível que os entrevistados revelavam mais detalhes da época em estudo.

Os arquivos policias foram utilizados a fim de desvendar os motivos que levaram ao saque do deposito público de alimentos de Salgadinho, assim como as intencionalidades dos sujeitos envolvidos nessa ação.

Já os arquivos públicos da Prefeitura Municipal de Salgadinho contribuíram para discutir as políticas públicas aplicadas pelo então Prefeito Djalma Moraes para amenizar os impactos da seca no município, e também a efetividade dos programas de emergência contra a seca, bem como compreender a história do cotidiano dos trabalhadores alistados nesses programas.

A pesquisa encontra-se dividida em três capítulos:

No primeiro capítulo será discutido a origem do município de Salgadinho, sua fundação na década de 1960 e os atores políticos envolvidos nesta fundação, posteriormente discutiremos as características econômicas e sociais do município entendendo está como um fato influente em um momento de crise, como é o caso de 1970.

No segundo capítulo discutiremos inicialmente os problemas desencadeados pela seca em uma esfera estadual, e portanto, mais ampla. Posteriormente, adentramos aos impactos desse fenômeno em Salgadinho, a partir dos relatos de memória, arquivos

policias e jornalísticos, discutiremos também o saque do depósito público de alimentos do município e os fatos que levaram a esse acontecimento.

No terceiro e último capítulo discutiremos o processo de migração desencadeado pela seca no município assim como a efetividade das políticas públicas para amenizar os impactos da seca sobre a população pobre salgadinhense.

CAPÍTULO I: Salgadinho - PB: origem e características do município

O município de Salgadinho⁵ ocupa uma área de 184 239 km² e está localizada a 246 Km da capital paraibana, João Pessoa. O território do município fica situado na zona de transição entre o cariri e o sertão paraibano. Geograficamente, o município faz divisa ao norte com os municípios de Santa Luzia e Junco do Seridó, ao sul com Taperoá, ao leste com Assunção, e ao oeste com Areia de Baraúnas, e importante destacar que na temporalidade em estudo este último município fazia parte do território hoje pertencente ao município de Passagem e só foi emancipado em 1993.

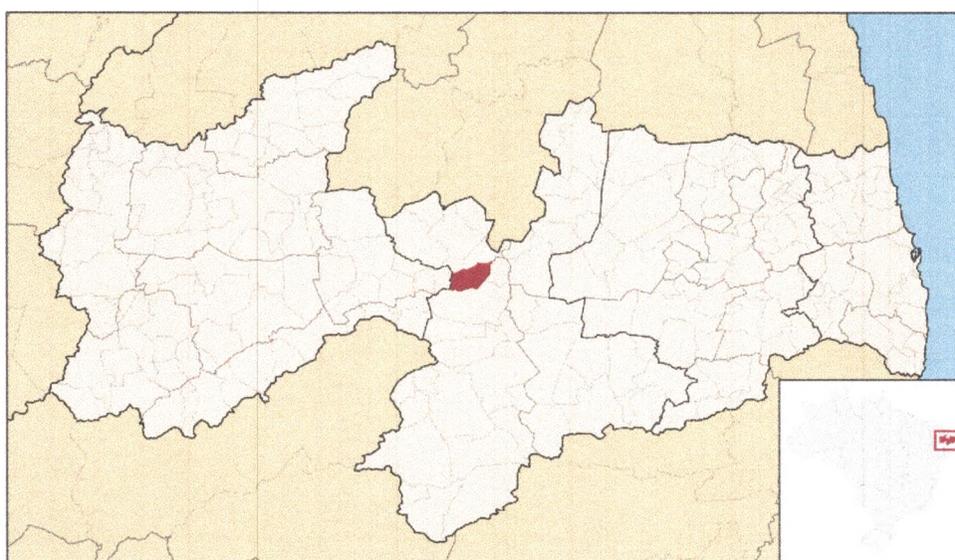


Figura 1: Localização do município de Salgadinho-PB, por Raphael Lorenzeto de Abreu.

1.1 Origem do município:

O povoamento da região em que se situa o atual território do município de Salgadinho data do período pré-histórico como pode ser comprovado a partir dos inúmeras achados arqueológicos no município. Entre esses achados podemos citar as inúmeras inscrições rupestres produzidas por hominídeos e que podem ser encontradas na Gruta do Morcego e ainda são carentes de estudos mais aprofundados, tais inscrições podem ser observadas a partir das imagens abaixo:

⁵ Nome dado pelos tropeiros que paravam na região para descansar e acabavam perfurando pequenas cacimbas que possuíam água considerada salgada.



Figura 2: Inscrições rupestres da Gruta do Morcego. Fotos: Juaci Oliveira.



Figura 3: Inscrições rupestres da Gruta do Morcego. Fotos: Juaci Oliveira.

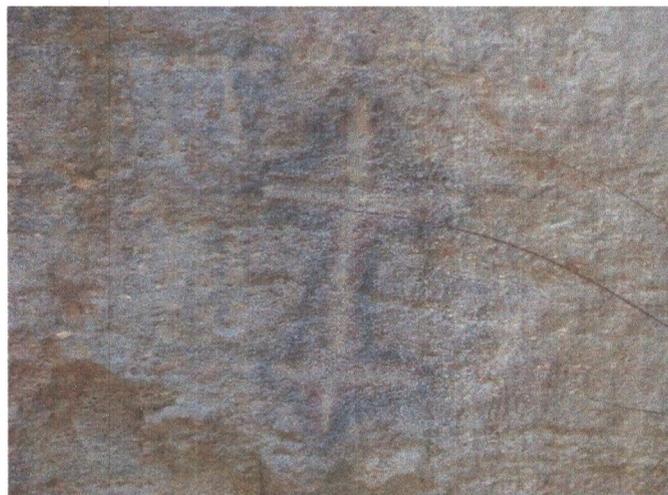


Figura 4: Inscrições rupestres da Gruta do Morcego. Fotos: Juaci Oliveira.

Até antes da colonização portuguesa todo o território onde hoje está instalado o município de Salgadinho era habitado por grupos indígenas, chamados pelos portugueses de tapuias. Contudo, no interior da Paraíba existia dos grupos linguísticos: cariri e tarairiú⁶. Esses povos foram extintos a partir das sucessivas excursões para o sertão pelos colonizadores⁷, sobretudo a partir das excursões do final do século XVII e início do século XVIII da família Oliveira Ledo que objetivavam principalmente a conquista de terras para a criação de gado. A região do Planalto da Borborema e Serra de Teixeira foi conquistada por Theodósio de Oliveira Lêdo por volta de 1696⁸. Estas excursões foram marcadas pelos inúmeros conflitos com os povos indígenas que habitavam toda essa região do território paraibano.

É provável que tenha existido um trânsito considerável de índios e colonizadores entre os séculos XVIII até o século XIX, porém nesta pesquisa nos deteremos apenas ao século XX. É a partir do início do século XX que se intensifica a movimentação de pessoas na região do município de Salgadinho, principalmente a partir da construção e conclusão da estrada de rodagem central⁹, essa estrada foi construída pelo Instituto Federal de Obras Contra as Seca (IFOCS) e interligava a mesorregião do Sertão com o cariri e o agreste paraibano, atualmente essa estrada é conhecida com PB-228¹⁰.

Não podemos afirmar com certeza a datação exata das primeiras residências, mas, segundo as fontes e trabalhos sobre a região de Salgadinho, as primeiras residências construídas onde hoje é localizada a sede do município datam da década de 1920 e foram construídas por um grande proprietário de terras local, conhecido como Domingos Pascoal, ele foi o responsável pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e do Cemitério público ainda na década de 20, além de efetuar a doação de uma parte

⁶ ALVES, Angelita Carla Pereira; SOUSA, Dominick Frarias de. A Guerra dos Bárbaros na Capitania da Paraíba. TARAIIRIÚ-Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB. Campina Grande, Ano III-Vol.1 – Número 04 – Abr./Mai de 2012. p.3

⁷ O termo sertão até então era utilizado para definir áreas que eram distantes do litoral, e portanto não possuía o sentido climático que marca o termo nos dias de hoje.

⁸ ALVES, Angelita Carla Pereira; SOUSA, Dominick Frarias de. A Guerra dos Bárbaros na Capitania da Paraíba. TARAIIRIÚ-Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB. Campina Grande, Ano III-Vol.1 – Número 04 – Abr./Mai de 2012. p.7.

⁹ Esta estrada data desde o século XVIII, era uma espécie de caminho natural, conhecido como estrada das boiadas, onde transitavam cotidianamente tropeiros vindo do sertão.

¹⁰ A intensificação do movimento de pessoas na região de Salgadinho apenas no início do século XX não significa dizer que durante todos esses séculos a região tenha sido desabitada, pelo contrário é provável que durante todos esses séculos tenha havido movimentação de pessoas por essa região.

considerável de sua propriedade para a igreja, o Cemitério citado só veio a ser ampliado apenas na década de 1970 e leva o nome de “São Domingos”, por coincidência ou não.

Nos anos de 1940, o transporte em caminhões foi se generalizando, e gradativamente substituído o transporte em lombo de animais, dessa forma o distrito de Salgadinho tornou-se uma parada predileta dos choferes, principalmente os caminhoneiros, que transportavam algodão e/ou oiticica para a cidade de Campina Grande e de lá traziam outros produtos para abastecer o comércio sertanejo, tinham como parada certa para jantar e dormir, no Hotel de Odete no então distrito de Salgadinho¹¹.

Entre as décadas de 40 e 50 o distrito de Salgadinho já apresentava uma movimentação razoável de pessoas, sendo uma das principais paradas para os caminhões que faziam o deslocamento entre as cidades de Patos e Campina Grande. Durante a década de 50 o povoado de Salgadinho, passou a ser uma das rotas do trem de ferro¹².

Segundo o historiador Josinaldo Gomes da Silva, Salgadinho ingressa na década de 1960 sendo ponto de parada de caminhões e trens, pois cabe ressaltar que na época o trecho da BR-230 de Campina Grande a Patos, ainda não havia sido asfaltado, dessa forma a antiga Estrada Central era a principal estrada que ligava Campina Grande ao sertão paraibano¹³, a pavimentação da BR-230 foi iniciada em 1969, durante o governo de João Agripino pertencente a antiga ARENA.

Já no início da década de 1960 alguns fazendeiros que também eram representantes políticos da região lideraram um movimento de emancipação do até então distrito de Salgadinho a categoria de município, os fazendeiros/políticos responsáveis por esse movimento foram: Cícero José Maciel, José Morais da Silva, José Bezerra de Maria, Pedro Leite da Nóbrega, Joaquim Marcolino Guimarães e Felizardo Trindade de Figueiredo.

A emancipação política de Salgadinho ocorreu em 1961 através da Lei nº 2.676 de 22 de dezembro de 1961, sancionada pelo então governador do Estado da Paraíba Pedro Gondim. Salgadinho que até então era considerado um distrito do município de Patos-PB passou a ser município. O primeiro prefeito do “jovem” município foi Cícero Alves

¹¹ SILVA, Josinaldo Gomes da. Salgadinho-PB, 50 anos de emancipação política: memórias e cotidianos. Campina Grande, 2012. p.26.

¹² Idem, 2012. p. 28.

¹³ Idem, 2012. p.38.

Teixeira, conhecido popularmente como “Cícero gato”, nomeado pelo governador Pedro Gondim.

A primeira eleição direta para os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador do município ocorreu em 1962. Concorreram para o cargo de Prefeito, os senhores Djalma Moraes da Silva – PSD e Joaquim Marcolino Guimarães – UDN. E para Vice-prefeito, o senhor José Bezerra de Maria – PTB e a Senhora Deodete Florência Silva – UDN¹⁴. Djalma Moraes da Silva foi o candidato eleito nesta eleição, finalizando o seu primeiro mandato em 1966. Entre os anos de 1966 e 1969 o prefeito do município passou a ser Francisco Maciel.

Já nas eleições de 1969, em plena ditadura militar, o Sr. Djalma Moraes da Silva, representante do MDB¹⁵ (Movimento Democrático Nacional) foi o candidato eleito nas eleições realizadas no dia 15 de novembro de 1969, tendo assumido o cargo no dia 31 de Janeiro de 1970 até 1973. Portanto, o Prefeito Djalma Moraes será o responsável pelo governo municipal no ano em que essa pesquisa se baseará.

1.2 Demografia do município em 1970:

Em 1970, o município contava com uma população de cerca de 3.012 habitantes¹⁶, segundo o censo de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizado no próprio ano em estudo. Desses 3. 012 habitantes, 1490 eram homens e 1522 eram mulheres, o censo não especifica a quantidade de crianças e idosos que habitavam o município. O município apresentava uma densidade demográfica de 21,02 habitantes por Km²

Segundo o próprio IBGE a população residente na zona urbana era apenas 387 habitantes, já a zona rural possuía uma população de cerca de 2619 habitantes, ou seja, 79% da população salgadinhense vivia e sobrevivia na zona rural, tendo como principal atividade econômica a agricultura consorciada com a pecuária. Tendo uma esmagadora

¹⁴ Idem, 2012. p.42.

¹⁵ Com o golpe militar de 1964, em 1965 o governo instituiu o Ato Institucional nº 2 (AI-2), que dava ao presidente a prerrogativa de fechar o Legislativo em todas as instâncias na União e instituiu eleições indiretas para presidente. Os partidos políticos foram extintos e foram criando duas agremiações; a Aliança Renovadora Nacional (Arena), a base de apoio ao regime militar; e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que agregava a oposição ao regime militar.

¹⁶ Dados do censo geográfico de 1970.

parcela da população vivendo no campo, não significa necessariamente que todos os homens do campo viviam nas mesmas condições.

O expressivo número de pessoas que habitava a zona rural em 1970, deve-se ao fato do município de Salgadinho, já nessa época, contar com um grande número de comunidades rurais, com destaque para os povoados de Olho D'água e Viração a leste da sede do município, São José da Batalha ao norte, Lagoa da Onça e Buljiga ao Sul e o povoado de Serraria ao Oeste, lembrando que todas estas comunidades possuem inúmeros sítios menores em seus entornos.

Esses povoados possuem um distanciamento geográfico uns dos outros, os nomes geralmente estão ligados aos elementos da natureza, a acontecimentos, a objetos, entre outros, que acabam por ter o nome popularizado entre os populares da determinada área territorial, desta forma acabando por cair no “senso comum”. As residências dessas comunidades possuem uma certa proximidade, geralmente compostas por pessoas do mesmo grupo familiar ou que se aproximaram por afinidade. Os integrantes dessas comunidades possuíam pequenas propriedades rurais nas proximidades desses povoados ou trabalhavam em terras arrendadas de proprietário maiores nos entornos desses povoados.

1.3 Clima, economia e as relações de poder em Salgadinho:

Salgadinho possui um clima predominantemente quente e seco e está inserido no Polígono das secas¹⁷. O município faz parte do semiárido nordestino, onde os elementos climáticos são irregulares com má distribuição da chuva, no tempo e espaço. O período chuvoso vai de março a maio, com a ocorrência de 80% das precipitações nesse período, com estiagem nos demais meses do ano. Esse aspecto permitir que chuvas escassas se tornem aspecto regular na vida dos habitantes, que povoam, principalmente, o campo.

Uma parcela do território do município é cortada pelo Rio da Farinha que possui suas nascentes sediadas no município. O Rio da Farinha segue o padrão da maioria dos rios do semiárido, ou seja, é um rio temporário, só possui um fluxo superficial de água apenas durante o período chuvoso, sendo que nos demais meses do ano à água só pode

¹⁷ O Polígono das Secas foi criado pela Lei nº 175 de janeiro de 1936, como área a ser objeto das políticas de combate às secas. O Polígono foi alvo de várias modificações, tendo sido, inclusive, inserido na Constituição Federal de 1946.

ser explorada a partir de cacimbões e poços amazônicos. No período em estudo esses recursos eram bastantes escassos.

Durante todo o século XX, em especial no ano de 1970 toda a economia da região girava em torno da agricultura e da pecuária de subsistência, ambas dependentes inteiramente das chuvas dos primeiros meses do ano. Quando a chuva não correspondia com o esperado acabava gerando impactos negativos em toda a população, principalmente sobre as pessoas pobres da região, na grande maioria agricultores, que dispunha de um menor capital financeiro e menos meios para sobreviver em tempos de estiagem, tornando-se reféns dos escassos programas governamentais de combate à seca.

Na região da caatinga, os plantios eram feitos como agricultura de sequeiro, ou seja, plantavam somente nos períodos de inverno e as principais culturas eram o feijão, milho, mandioca e algodão, na falta de uma outra renda esses produtos eram utilizados para a sobrevivência da família e o excedente era vendido. Já a pecuária, que consistia na criação de gado, cabras e ovelhas, possuía basicamente três funções, a primeira seria complementar a alimentação da família com leite e carne, a segunda função seria de capital de reserva para momentos de urgência, pois esses animais poderiam ser vendidos para sanar gastos com doenças, nascimentos ou casamento dos filhos, já a terceira e última função seria a ajuda desses animais nas lidas do campo¹⁸, é importante ressaltar que apesar de alguns agricultores trabalharem em pequenas propriedades, alguns possuíam bois que eram utilizados no campo para arar a terra, facilitando o cultivo agrícola.

A estrutura fundiária da região era formada basicamente pelos pequenos agricultores pobres, que residiam em suas pequenas propriedades, geralmente fruto de heranças, e os grandes proprietários que geralmente possuíam também um certo poder político regional. Numa região em que a terra desempenha uma função tão importante, essa é consequentemente um símbolo de poder, desta forma, quanto maior a propriedade maior o poder que o indivíduo desempenha perante a sociedade, por exemplo, uma das maiores fazendas da região era pertencente ao Sr. Djalma Moraes, que acabou se tornando o prefeito do município.

A “elite” local era formada basicamente por grandes proprietários que acabaram também se tornando “lideranças” na política local, isso é perceptível na própria

¹⁸ MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p.28.

emancipação política do município em 1961, onde os emancipacionistas eram na grande maioria grandes proprietários de terras. Compreendendo elite “(...) como um grupo seletivo que detém, numa região específica, as posições de poder sejam no sentido econômico, sejam no sentido político”¹⁹.

Durante um eventual desequilíbrio climático, como é o caso da seca de 1970 que assolou toda a região do Nordeste, a mistura de elementos, como atraso econômico da região, exploração pelos grandes proprietários, a forma de plantar e etc., acabaram por tornar a seca algo muito mais grave, e que afetava diretamente as pessoas pobres da região. Isso não significa afirmar que os grandes proprietários eram isentos dos problemas trazidos pela seca, porém esses possuíam recursos suficientes para resistir aos efeitos da estiagem sem a vergonha da miséria, e ainda aproveitavam a fragilidade das classes oprimidas para apoderar-se do seu trabalho e dos seus bens. O discurso negligencia as distâncias sociais concretas, afinal, “Os grandes fazendeiros ou comerciantes não experimentavam a seca da mesma maneira que seus “escravos”, ou da forma com que vivenciavam os pequenos proprietários, embora os aproximassem na fome”²⁰.

Nas relações sócias do campo destacamos três figuras fundamentais, o pequeno proprietário, o meeiro ou rendeiro e por fim o grande proprietário, sendo que o pequeno proprietário possui um pedaço de terra reduzido que retira a possibilidades de produzir em maior quantidade a fim de garantir uma sobrevivência digna. A situação do meeiro ou rendeiro é ainda mais complicada, pois além de não possuir a posse da terra ainda tem que dividir o seu lucro com o proprietário efetivo da terra, “O pequeno dono da terra não frui de situação, praticamente, melhor que o meeiro; as vantagens são de ordem moral: possui sua casa, sua terra e goza, por isso de uma sensação de liberdade”²¹. Os meeiros vivem uma relação de dependência mais direta com os grandes proprietários, configurando as relações paternalistas comuns no campo. As relações de trabalho, no campo, funcionavam a partir de lógica paternalista, que gestava nos períodos considerados “normais” ou de relativa abundância. Os grandes proprietários usam essas

¹⁹ CASTRO, Iná Elias de. O Mito da Necessidade: Discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992. p. 118.

²⁰ VIEIRA, Jr., 2003, p. 6. Apud, MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no nordeste do Brasil Nômade. Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas | Núm. Especial: América Latina (2012), p.12.

²¹ Diagnóstico Socioeconômico do Ceará. Op. Cit. Pág. 189. Apud, MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p.24.

práticas como mecanismos para assegurar seu domínio, em determinado espaço²². Assim como já foi mencionado a seca também prejudica o grande proprietário, contudo, este conta com mais recursos para garantir a sua sobrevivência, além do mais dependendo da intensidade da seca podia desorganizar de tal modo as circunstâncias em que o grande proprietário tinha as riquezas e bens ameaçados, sendo impossibilitado de oferecer proteção. Por vezes, oferecia proteção com seu patrimônio – não sem recompensas –, pois os bens públicos eram também utilizados em benefício próprio²³.

A seca de 1970 ou “seca de 70”, como é conhecida pelos populares, tornou um marco para os habitantes do município de Salgadinho-PB sendo lembrada e comparada até os dias de hoje pelos populares. Sobre a seca de 1970 o governador do estado, na época, João Agripino, disse a redação do Jornal “Diário da Borborema”, “...que já teve oportunidade de participar diretamente de quatro secas, em 1932, 42 58 e 66. “Nestas, como não houve chuvas iniciais, o colono, quer fosse morador ou simples trabalhador, não estava endividado quando a mesma deflagrou. Ele não havia plantado e nem capinado a lavoura. Na atual seca, no entanto, os colonos adquiriram sementes, plantaram e limparam, financiados pelos patrões ou proprietários. Conseqüentemente, sabem que estão devendo e sabem que não pode pagar”. Prosseguiu o governador, dizendo: “Os proprietários, por sua vez, contraíram empréstimos nos bancos, para financiar seus moradores. E sabem que não terão produção. Por isso, receiam perder suas propriedades em cobranças da dívida bancaria”²⁴.

Ao analisar este discurso, devemos levar em consideração as intencionalidades dos sujeitos históricos, o grande proprietário ganhava com a seca, seja obtendo investimentos governamentais, seja comprando terras dos pequenos proprietários portanto, aumentando as suas posses.

Portanto, a seca afetada tanto o dia-a-dia dos habitantes das áreas afetadas como também as relações sociais dessas áreas, não era apenas o pequeno proprietário, ou meeiro que era afetado o grande proprietário também era prejudicado apesar deste sempre buscar tirar proveito das diversas situações do cotidiano.

²² MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p.24.

²³ Idem, 2005, p. 24-25.

²⁴ Diário da Borborema, 23 de Maio de 1970.

CAPÍTULO II: A seca de 1970: da Paraíba a Salgadinho

Neste capítulo daremos continuidade à discussão das características da seca que assolou a região Nordeste do Brasil, a Paraíba e principalmente, o município de Salgadinho no ano de 1970²⁵. Refletiremos inicialmente sobre os aspectos dessa seca em um âmbito maior do que é a proposta do presente estudo, onde será discutido principalmente os impactos e conflitos desencadeados por ela nas regiões do cariri e do sertão paraibano e em seguida, discutiremos os impactos da referida seca no universo micro histórico de Salgadinho, objeto do estudo, atentando para os conflitos sociais desencadeados por esse fenômeno climático na cidade a partir dos relatos de memória dos populares pobres que a vivenciaram, de arquivos policiais e matérias do Jornal “Diário da Borborema” que mencionaram o município.

No início da década de 1970 o Nordeste brasileiro foi tomado por mais uma “grande” seca, apesar desta ter tido duração de apenas um ano, ou seja, a seca teve início em 1970 e chegou ao fim nos primeiros dias de 1971 com a chegada das tão almejadas chuvas pelos agricultores nordestinos, que em certas regiões dependem quase que unicamente da estação chuvosa para produzirem o seu sustento a partir de uma agricultura de subsistência.

Conforme nos revela a matéria do Jornal paraibano “Diário da Borborema²⁶” que foi para as bancas no dia 17 de fevereiro de 1970, o período de seca que estava por vir havia sido previsto por pesquisadores do clima na época:

Satélites revelam: Grandes sêcas no Nordeste este ano

Vai haver sêca das grandes este ano no Nordeste, é o que indicam rádio-fotos transmitidas por satélites artificiais e manchas solares observadas através de pesquisas meteorológicas feitas no segundo semestre de 1969.

O agrônomo Delmiro Maia, que fêz ontem essa advertência citou outras fontes seguras de previsões do fenômeno a pressão dos Açores até a frente polar e a ciclagem da sêca, repetida periodicamente no espaço de 11 anos [...] O fenômeno compõe um quadro desolador, com a vegetação esterilizada, o gado

²⁵ Falar em seca em 1970 não significa afirmar que não ocorreu a incidência de chuvas, a chuva veio, porém com chuvas localizadas e com um intervalo de tempo muito grande entre uma chuva e outra, portanto as chuvas vieram numa quantidade insuficiente para a agricultura e para a pecuária, tendo como agravante também o fato da grande maioria dos municípios paraibanos contar com uma economia dependente quase que unicamente da agricultura.

²⁶ O Jornal Diário da Borborema fez publicações diárias durante todo o ano de 1970, sobre a situação dos “flagelados” pela seca no território paraibano.

morrendo e o homem fugindo para os grandes centros e o sol abrindo feridas na terra. É o maior flagelo do Nordeste²⁷.

Apesar do tom dramático da notícia, é importante destacarmos que com o fenômeno sendo previsto com uma antecedência de pelo menos seis meses, seria extremamente possível que os governadores dos estados nordestinos, geralmente mais afetados pela seca tomassem algumas providências para amenizar os impactos desse fenômeno sobre a população mais pobre de cada estado. Já que as pessoas mais afetadas por um fenômeno desse tipo são os homens e mulheres pobres que vivem como parceiros ou meeiros nas grandes propriedades de terras, todavia, com o agravamento da situação no campo o meio urbano também passa a ser afetado, principalmente com o deslocamento das grandes massas de “flagelados” para as cidades.

Durante a seca os municípios mais impactados são aqueles que estão localizados nas regiões de clima semiárido, que abrange o Sudeste do Piauí, o Sudoeste do Ceará, grande parte do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, o Oeste de Alagoas e Sergipe, prologando-se pelo Norte da Bahia²⁸. No Estado da Paraíba as regiões mais afetadas por um período de estiagem ou pela precipitação de chuvas abaixo do esperado é a região do cariri e do sertão, são nessas regiões que os conflitos entre a população mais pobre, sobretudo as pessoas pobres do campo e a elite econômica de âmbito local são mais perceptíveis.

2.1 A cultura de previsão das secas:

Apesar de já no ano 1970 o Nordeste brasileiro contar com o privilégio de possuir equipamentos capazes de prever com antecedência a ocorrência de uma nova seca, a tradição cultural de observação de fenômenos naturais não havia sido deixada de lado, essa tradição secular impera no nordeste desde pelo menos o século XIX conforme revela Irineu Joffily em sua obra “*Notas sobre a Parahyba*”:

Os habitantes dessa região são um pouco astrólogos: observam com o maior interesse a barra de natal e do Ano-Bom, isto é, o modo porque aparece a aurora

²⁷ Diário da Borborema, 17 de fevereiro de 1970

²⁸ Idem.

de cada um desses dias; e, baseado nesse exame, dão o seu juízo a respeito do próximo inverno²⁹.

Vale salientar que essas previsões dos “profetas” populares nem sempre eram unânimes e nem todos os homens do campo possuíam “habilidade” de observação da natureza, as experiências mais relevantes eram atribuídas aos profetas mais velhos de cada região ou comunidade, no entanto, não são só os populares que lançam mão dessas “profecias”, os letrados também se valeram dessas predições.

Uma previsão positiva desses “profetas” acabava por renovar as expectativas de um ano “bom de inverno”, embora que nem sempre essas expectativas fossem correspondidas, já no mês de dezembro, os agricultores pobres acionam seu observatório natural, baseados pelas experiências aprendidas com os pais, avós e outros, principalmente os mais velhos, guardiões do saber, passam a observar a lua, os astros, os animais, as plantas e os insetos, que vão lhes mostrar sinais de como será o próximo inverno. Essas observações, que eles próprios chamam de “experiências”, são as mais diversas possíveis, como também o único meio em que se baseiam para ter ideia do inverno que virá, bom ou ruim³⁰. Portanto, as “profecias”, são baseadas na observação de fenômenos da natureza, perdendo um pouco da sua legitimidade, se passarmos a entender “profecia” como a predição de um futuro, de certa forma o profeta busca prever o futuro, só que baseado em experiências acumuladas.

Os primeiros meses de cada ano eram sempre momentos de tensão, se a chuva viesse, começava o inverno e conseqüentemente o plantio dos roçados, caso esse fato não ocorresse a situação acabava por se transformar.

2.2 A expectativa da chuva e a angústia da seca:

Nos primeiros dias do ano de 1970 as esperanças dos homens do campo são abastecidas com a precipitação de chuvas localizadas. Apesar da fala abaixo ser reproduzida a partir do discurso de um fazendeiro³¹ da cidade de Patos, é perceptível a expectativa dos sertanejos do campo, pela chegada do “inverno”:

Em conversa com o agricultor Jonas Trindade, homem conhecido e antenado com a situação agrícola sertaneja, proprietário da Fazenda Espinho Branco, nas

²⁹ JOFFLY, Apud, GUERRA, Lucia de Fatima. 1993. Raízes da Indústria da seca: o caso da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

³⁰ MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A necessidade e o chicote”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p. 45.

³¹ A notícia é confusa sobre a verdadeira profissão do fazendeiro, pois revela que é um agricultor proprietário de uma fazenda, partindo do princípio que uma fazenda é uma grande propriedade então decidimos considerá-lo como um fazendeiro que planta em suas terras.

adjacências da cidade de Patos, êste nos declarou que: – As chuvas caídas neste município e demais outros, tem trazido grandes benefícios e esperanças de um futuro para a recuperação da safra sertaneja, tanto do campo da agricultura como da pecuária atingindo a toda a população. Isso porque, muito depende a cidade da safra anual, pois como é sabido, nossa prospera cidade sente falta da indústria sendo, portanto, o seu principal sustentáculo, a agricultura e pecuária, segundo declarações do agricultor Jonas trindade³².

Essas chuvas noticiadas acima foram localizadas e com um intervalo de tempo bastante longo entre uma precipitação e outra, logo o sentimento de expectativa e esperança passa a ser suprimido pela angústia, já que com um intervalo longo entre uma chuva e outra a situação dos homens e mulheres do campo, no sertão paraibano, passa a se complicar, principalmente nas pequenas cidades que possuem a economia dependente exclusivamente da agricultura de subsistência, “bastou não chover nos meses de janeiro e fevereiro no Nordeste, para a população rural sentir-se apavorada ante a expectativa de um ano sêco³³ ou de inverno variado³⁴.

Vale salientar que na região do semiárido nordestino a média anual de precipitação é de cerca de 700 mm. Com a ausência total ou parcial desse valor a situação dos habitantes que dependem da agricultura para sobreviver passa a se complicar, conforme revela a notícia abaixo, o “caos” começava a toma conta das cidades do interior da Paraíba já no primeiro trimestre do ano de 1970.

Calamidade pública no sertão paraibano

É de calamidade pública o estado em que se encontra o município de Gurjão e cidades vizinhas, conforme informações de vereador Raulino Maracaja. Segundo comentou o mesmo vereador, a população está totalmente aflita, faminta e desesperada. Não cai chuva e o céu não apresenta nem sinais de temporal. O povo está nas ruas, nas estradas, agrupados pedindo socorro e quem chega e a quem sai da cidade. O poder Público Municipal já não pode nada fazer com vista à melhora da situação daquela população sofredora [...]. Situação idêntica ocorre na cidade de Serra Branca onde mais de oitenta homens em desespero pedem socorro ao poder público e ameaçam atacar ainda hoje o mercado para conseguir alimento para aplacar sua fome³⁵.

A ausência de chuvas em suas localidades fazia com que os camponeses³⁶ buscassem outras formas de sobrevivência nas cidades, cabendo ao poder público cuidar desses pequenos agricultores que eram nomeados como “retirantes” ou “flagelados”, para

³² Diário da Borborema, 6 de fevereiro de 1970.

³³ Como essa palavra vem de uma citação direta do Jornal Diário da Borborema decidimos manter a grafia original.

³⁴ Diário da Borborema, 12 de março de 1970.

³⁵ Diário da Borborema, 11 de abril de 1970.

³⁶ Nesse trabalho entendemos camponeses como sendo os pequenos agricultores que residem no campo.

esses homens e mulheres a principal preocupação era com a fome. Assim como fala o historiador inglês Edward Palmer Thompson, “As pessoas protestam quando estão com fome”³⁷, ou seja, a fome é um dos elementos a serem considerados nas ações dos grupos de “flagelados” da seca, embora a fome seja mais um dos elementos a ser considerado, ainda que, no caso inglês, exista mais elementos, pois muitos protestos populares pela fome estão associados também a economia moral.

Ainda no primeiro trimestre começa a chegar nas cidades do interior paraibano os primeiros grupos de “flagelados”, os quais ao chegar nas cidades esses “flagelados” se juntavam a outros grupos já existentes e passavam a pressionar o poder público, essa ação não foi exclusiva da seca de 1970.

Conforme revela o Historiador Frederico de Castro Neves, quando as chuvas já escasseavam nos sertões do semiárido cearense, em 1951, os homens do campo, mais uma vez, não esperaram pela carência total de meios de subsistência para abandonarem seus lares e empreenderam, mais uma vez sua caminhada em direção à proteção governamental. Ao mesmo tempo, estes homens aprenderam que a pressão exercida no ponto central da organização social – a propriedade – pode ser eficaz, no sentido imediato de resolver os problemas mais prementes. O resultado é uma resoluta formação de grupos de “retirantes” que se encaminharam às cidades e aos canteiros de obras do governo, exigindo trabalho e alimentos através dos mecanismos conhecidos da invasão, da ameaça e do saque³⁸.

Essas revoltas ou sublevações podem ser comparadas a um motim, segundo Thompson, guardada as devidas proporções de tempo, cultura e espaço de cada lugar, os motins são geralmente uma resposta racional, que não acontece entre os indefesos ou sem esperanças, mas entre aqueles grupos que se sentem com um pouco de poder para tomar os viveres de que precisam quando os preços vão às alturas, os empregos desaparecem e eles veem o seu suprimento de alimentos básicos ser exportado³⁹.

Seja qual for a época de seca é perceptível que a fome já rondava as pessoas pobres, sendo consequência de problemas estruturais dos municípios e de políticas

³⁷ THOMPSON. E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pág. 151.

³⁸ NEVES, Frederico de Castro, A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará-Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, CE secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Pág. 161 – 162.

³⁹ THOMPSON. E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Pág. 207.

públicas que beneficiavam apenas uma elite local e deixava de lado as pessoas que viviam à “margem” da sociedade.

Com a seca o problema da fome passava a ser um fator ainda mais agravante, ao ponto do homem do campo deixar seu lugar de moradia e trabalho para ir buscar sobrevivência junto ao poder público da sua cidade ou de outras cidades circunvizinhas. Até que, com o acúmulo de “flagelados” no meio público e o deslocamento dessas massas, esses prefeitos, vereadores e deputados recorriam às esferas superiores, conforme revela a matéria abaixo:

O prolongamento da estiagem no nordeste já não está mais provocando apenas o deslocamento de grandes massas humanas atingidas pelo flagelo, invadindo cidades à procura de alimentos e inquietando as administrações municipais, sem recursos para atender às necessidades mínimas das vítimas da calamidade. Os rebanhos também começaram a sofrer os efeitos da seca. No cariri paraibano, onde a falta d’água e pastagem é um fato consumado, mais de trezentas mil cabeças de gado vacuum não tem o que comer nem beber, e os criadores terão imediatamente de deslocar o gado para outras áreas. Porém não sabem ainda onde encontrar pastagem para o mesmo, uma vez que no sertão a sêca é igualmente devastadora⁴⁰.

A historiadora Mônica Emanuela Nunes em seu estudo que leva o título “A necessidade e o chicote”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954), dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Ceará, aponta que as cidades passaram a ser um ponto de convergência para onde se encaminhavam essas grandes massas de pessoas pobres, agora reduzidos a categoria de “retirante” ou “flagelados”, afinal era na cidade que estava o poder institucionalizado – prefeitura, câmara e Igreja –, o comércio e a população mais abastada⁴¹.

A seca nas cidades de Itaporanga e Taperoá, no sertão e cariri paraibano respectivamente, foi anunciada a partir da chegada de uma massa de “flagelados”, é importante destacar que esse último município faz divisa com o município de Salgadinho.

A seca chegou sábado as cidades de Itaporanga e Taperoá, ambas foram invadidas por grupos de flagelados e só não houve saque por que as autoridades conseguiram um pouco de trabalho e alimentação suficiente para contornar o perigo. Mesmo assim, a ameaça de pânico entre a população do interior do Estado, principalmente no sertão, onde os flagelados estão chegando em dia de feira [...].

Quando a população de Itaporanga se preparava para dormir seu sono de sábado cerca de 300 flagelados invadiram a cidade a procura de alimentos. Os homens chegaram famintos mas agindo com certa moderação. Aos poucos foram perdendo a paciência e exigiram a comida sob pena de saquearem as casas comerciais. Estavam alojados num prédio público.

O padre José Sinfrônio e o delegado João Barbosa foram chamados às pressas para evitar a violência já eminente. Conversaram com os flagelados em seguida

⁴⁰ Diário da Borborema, 21 de Abril de 1970.

⁴¹ MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p. 66.

convenceram também os comerciantes e a própria população da cidade a distribuir alimentação com o pessoal⁴².

A chegada de um grupo de “flagelados” ou “retirantes” nas cidades acabava por causar, nos termos do discurso oficial, uma “perturbação na ordem pública”, sendo necessário a intervenção de órgãos públicos e lideranças locais como é o caso do padre na cidade de Itaporanga. Como afirma Frederico de Castro Neves, no seu estudo sobre o Ceará, o ajuntamento de pessoas aguardando ocupação é um forte argumento e poderoso “meio de pressão que os “retirantes” trazem para o cenário da negociação; e a fome – ou a perspectiva de passar fome – é a motivação essencial”. O crescente volume da multidão constitui uma pressão irresistível, que precisa ser neutralizada antes que a revolta tome conta dos espíritos, outrora pacíficos e conformados, dos homens do campo⁴³.

As pessoas pobres que se deslocavam de uma cidade para outra acabavam encontrando nas estradas, outras pessoas pobres que compartilhavam de situação semelhante. A junção era constante, nesses dias de busca, e o encontro correspondia a um estopim – o número de homens aumentava, e o conjunto ganhava força. A reunião das pessoas pobres tinha “a fome como sua motivação principal” e quando ela se agravava, os meios para saciá-la podiam ser os mais variados possíveis⁴⁴.

As notícias envolvendo os grupos de “flagelados” da seca de 1970 estampam as capas do “Diário da Borborema”, a todo momento, principalmente em ações relevantes envolvendo essas massas de “retirantes”, é importante destacar que essas notícias transmitem para o leitor as peculiaridades desses grupos de pessoas, e a quebra da ordem pública causada por essas chegadas.

A cada seca, as classes pobres, e principalmente as famílias de “retirantes”, são observadas, classificadas e percebidas como “classes perigosas”, portadoras dos vícios do corpo e da alma, que podem contaminar a sociedade inteira através do contato direto. Para sublimar este perigo potencial as estratégias se dirigem para o afastamento, o enclausuramento, a apartação, o isolamento e a proteção das cidades contra a invasão das cidades⁴⁵.

⁴² Diário da Borborema, 14 de abril de 1970.

⁴³ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará-Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, CE secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 42.

⁴⁴ MAIA, Mônica Emanuela Nunes. A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954). Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005. p. 66.

⁴⁵ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará-Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, CE secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 97.

2.3 As ações governamentais:

Durante todo o ano de 1970 as cidades paraibanas que possuíam um desenvolvimento econômico mais acentuado foram invadidas por grupos de “flagelados” que vinham de outras regiões do estado ou até mesmo de cidades circunvizinhas em busca de trabalho e alimentos. Assim ocorreu com as cidades de Juazeirinho e Santa Luzia conforme informa a matéria abaixo:

Conforme a Radio Borborema já divulgou, na tarde da última terça feira, dia da feira em Juazeirinho, aquela cidade do interior paraibano foi invadida de maneira pacata, por 600 flagelados que procederam de Estaca Zero, Santo André, Taperoá e Gurjão.

O Prefeito de Juazeirinho atendeu aos flagelados mandando distribuir com os mesmos, os únicos mantimentos de que dispunha naquele momento: 1200 rapaduras e 6 sacos de farinha [...].

Segunda feira passada, a cidade de Santa Luzia amanheceu com cerca de 300 homens em frente a prefeitura local gritando por comida e por trabalho.

O prefeito do Município, Sr. Arlindo Bento, tomou a iniciativa de colocar um homem de cada família em trabalhos da municipalidade por oito dias, enquanto espera que sejam abertas as frentes de trabalho da SUDENE [...]⁴⁶.

Essas “invasões” de cidades por correntes migratórias de “flagelados” da seca, fazia com que os prefeitos, alegando não terem verbas suficientes para “ajudar” essas pessoas, recorressem ao Governador paraibano, João Agripino. Portanto, nos deparamos com um verdadeiro efeito dominó, os prefeitos que são as autoridades mais próximas dos “flagelados”, alegando não possuir recursos recorrem ao Governo do Estado, que por sua vez alegavam não ter recursos ou tomava atitudes burocráticas que demoravam a serem efetivadas. Ao longo dos tempos, os governos têm demonstrado preocupação com o problema da seca, apenas, em períodos de crise. Nos anos de normalidade climática, as ações governamentais são limitadas e projetadas para beneficiar os grandes proprietários, ao invés de se voltarem para as medidas preventivas que evitem ou minimizem os efeitos de futuras secas⁴⁷.

É evidente que por trás das ações governamentais existiam uma verdadeira indústria da seca⁴⁸, essa indústria pode ser visualizada em dois níveis; o local, onde

⁴⁶ Diário da Borborema, 23 de Abril de 1970.

⁴⁷ BRANCO, Adélia de Melo. Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000. p. 82.

⁴⁸ Os primeiros relatos da existência de uma indústria da seca datam da grande seca de 1877. Segundo Lucia de Fatima Guerra, dentre os diversos fatores que levavam ao nascimento da chamada indústria da seca, dois se destacavam pelo seu caráter estrutural: a crise crônica da economia nordestina, agravadas pelas estiagens

ocorriam os desvios diretos de verbas e gêneros alimentícios por membros das comissões de socorros públicos, juntamente com a percepção dos porta-vozes dos grupos econômicos do Nordeste no sentido de aproveitar e usar as secas como meio de conseguir investimento governamentais na região⁴⁹. Assim, por trás da seca existe o uso político desse fenômeno climático, para consolidar a ideia de que a região precisava de proteção da parte dos poderes públicos⁵⁰.

Em se tratando da seca de 1970, o Governo do Estado da Paraíba, juntamente com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, chefiada na época pelo General Tácito Gaspar de Oliveira, só veio a elaborar o primeiro plano de emergência no final do mês de abril com a criação de seis frentes de trabalho, duas no alto sertão, duas nas imediações de Patos, uma entre Barra de Santa Rosa e Picuí e outra em Taperoá e Sumé. O pagamento desses trabalhadores seria feito em parte com a distribuição de gêneros alimentícios, como feijão, arroz, farinha de mandioca, milho, charque e em dinheiro.

Apesar dos esforços, as medidas adotadas não são bem sucedidas a médio e longo prazo, isto por que são priorizados os fatores físicos e estruturais do fenômeno e as medidas assistencialistas, de curto prazo. Esse procedimento vem ocorrendo, desde o início do século XX, quando foi criada a primeira instituição, a Inspetoria de Obras Contra as Secas – IOCS, que em 1945, ela foi substituída pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra Seca) que enfocava, principalmente, as características físicas da região. A SUDENE⁵¹ (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) e o Departamento de Recursos Naturais foram criados, também, nos anos 50, e ambas as entidades focalizam sua atenção, igualmente, nos aspectos físicos da seca⁵². Assim sendo, tanto o DNOCS quanto a SUDENE passaram a ser os órgãos governamentais a “tratarem do problema da seca no Nordeste, apesar da SUDENE ter sido o órgão criado objetivando o promover o desenvolvimento da região Nordeste, este também passou a se preocupar com o problema da seca.

prolongadas; a organização política de um Estado voltado para atender aos interesses privados de determinado segmento da sociedade em detrimento dos demais.

⁴⁹ GUERRA, Lucia de Fatima. Raízes da Indústria da seca: o caso da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993. p. 61.

⁵⁰ ARANHA, Gervácio Batista, Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925). Campina Grande: EDUFPG, 2006. p. 91.

⁵¹ A SUDENE foi criada em 1959 no governo do presidente Juscelino Kubitschek, tendo à frente o economista Celso Furtado, como parte do programa de desenvolvimento e integração da região Nordeste.

⁵² SUDENE, 1980, In. BRANCO, Adélia de Melo. Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000. p. 83.

As ações do Governo do Estado juntamente com os órgãos do Governo Federal, responsáveis em lidar com os problemas relacionados a seca estavam mais preocupados em “atacar” o problema apenas quando a situação se complicava, ou seja, as ações eram apenas de caráter emergencial. Conforme revela a matéria de natureza crítica do Diário da Borborema:

Os prefeitos paraibanos que estiveram recentemente na SUDENE, pedindo o apoio do órgão de desenvolvimento do Nordeste para o combate ao flagelo da seca em seus municípios, estão seriamente preocupados com a demora do atendimento às suas solicitações. Mais de quinze dias são decorridos do encontro do Recife, e até o momento nenhuma providência foi tomada para resolver o problema, que é de natureza urgente. Depois das últimas chuvas caídas na região, parece que a SUDENE não se interessou mais pelo problema⁵³.

Nessa primeira etapa de alistamento nas frentes de serviços foram alistados cerca de seis mil “flagelados”. Esses “flagelados” iriam trabalhar na construção e melhoria de rodovias, com o pagamento sendo efetuado com gêneros alimentícios e em dinheiro, como já foi mencionado anteriormente, oriundos da SUDENE, cabendo ao Governo do Estado e aos Prefeitos Municipais as despesas administrativas. Essas primeiras frentes de trabalho tinham a duração inicial de apenas dez dias podendo ser prorrogadas caso as chuvas não caíssem, “Segundo estamos informando continua chovendo em diferentes municípios paraibanos fato esse que está concorrendo para que os “flagelados” não procurem as frentes de serviço preferindo trabalhos rurais”⁵⁴.

No decorrer do ano de 1970 as ações dos governos estaduais e municipais se limitaram à distribuição de alimentos e o alistamento de “flagelados” em frentes de serviços em todo o estado, visando a diminuição das levas e levas de “flagelados” que se deslocavam para as “grandes” cidades. Além do mais, o alistamento e a distribuição de alimentos eram momentos em que se renovava um laço entre as lideranças locais e os lavradores que viviam nos “sítios”, longe das rápidas e fugazes notícias urbanas. À ameaça de invasão e saque, as autoridades respondiam com um ritual de glorificação do paternalismo, em que centenas e às vezes milhares de homens do campo eram colocados em fila para receber uma senha/ou saco de comida para matar a fome. Ao mesmo tempo em que livravam a cidade de uma ação violenta que pusesse em risco as bases da ordem social fundada no respeito à propriedade, reforçavam as medidas de “socorro” aos

⁵³ Diário da Borborema, 29 de Abril de 1970.

⁵⁴ Diário da Borborema, 26 de Abril de 1970.

“retirantes” com as quais podiam barganhar sua posição no comando político da cidade⁵⁵. Vale salientar que em 1970, em regiões em que as chuvas tendiam a cair, o número de “flagelados” era bem menor, apesar dessas chuvas ainda serem localizadas.

Embora o jornal “Diário da Borborema” tenha noticiado quase que diariamente as ações dos grupos de “flagelados” nas cidades interioranas, é perceptível que o mencionado jornal não apresentava a preocupação de entrevistar um desses “flagelados”, cabendo aos pesquisadores, ler as ações e reivindicações desses grupos nas entrelinhas do próprio jornal.

2.4 A seca em Salgadinho: a partir dos populares:

As características da seca em Salgadinho foram bem semelhantes ao restante do Estado, ocorreram chuvas torrenciais nos primeiros meses do ano, todavia, com a espacialidade das chuvas as lavouras acabaram sendo perdidas. Assim como já foi demonstrado no primeiro capítulo desse trabalho a economia municipal era baseada exclusivamente na agricultura e na pecuária de subsistência, com a ausência de chuvas a situação das pessoas mais pobres do município acabava por se complicar, em virtude dos sintomas já apresentados. Assim como revela a entrevistada, Jandira Isabel dos Santos, questionada sobre a frequência das chuvas em 1970, “Choveu deu uma chuva boa parece que foi no dia de São Sebastião, ou foi antes ai pronto, foi uma chuva boa, ai depois, choveu mais não, morreu tudo⁵⁶”.

Uma outra entrevistada aponta as dificuldades enfrentadas por ela e sua família no decorrer do ano de tal catástrofe, para a sua sobrevivência e “escapar” os poucos animais que a mesma possuía:

Meu “fi” 70 foi “pirigoso”, mas os puder de Deus é grande, nossa senhora, sofri um pouco mais “vencemo”. Meu “fie” o cabra passava fome, [...]. 70 eu criava uma vaca, um jumento, mas sofria tanto eu saia, oxe uma hora, duas hora, quatro hora, três hora da madrugada pra serra, ajuntar “pozin” de paia, de capim pelo chão, nos serrotão no covão, no covão, naquele “mei” de mundo, tinha carreirona de serrote, eu pulava como um macaco de um serrote pra “outo” pegando aqueles “moim” de capim amarrando e botando na cintura e “satando” (risos) “satando” os serrote de um lado para outro pra fazer um fecho, um “moi” pra trazer, meu “fie” quando eu vinha chegar em casa era quase 11 hora, sofri, pra escapar esses

⁵⁵ NEVES, Frederico de Castro. A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará-Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza, CE secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 203.

⁵⁶ Jandira Isabel Dos Santos, 65 anos. Entrevista concedida no dia 17 de Abril de 2015.

bicho, a vaca e os dois jumento, mas como os puder de Jesus é grande “escapemo”⁵⁷.

Apesar da família não depender exclusivamente da agricultura, a nossa entrevistada nos aponta algumas das dificuldades enfrentadas por ela e pelas pessoas pobres que viviam da agricultura no município. Em uma outra fala ela nos conta as dificuldades enfrentadas por ela e seu marido para “criar” os seus filhos em um ano de tantas penúrias:

“Era 8 “fie” que tinha dentro de casa, e “Vademar” trabalhando na prefeitura a recebia, mas de mês em mês do jeito que era a carestia, muita gente, mas Rita e Compadre Sólon era muito bom pra nós, de vez em quando, quando eles “via” que a gente “tava” sem nada eles dava troço pros menino, e outra meu “fie” 70 foi, sim quando chegava no sábado, “Vademar” fazia uma arrumação no domingo aí os menino, “Mariniçe” ganhava os mato com uma foíce e uma faca, eu disse “menino para onde é que vocês vão?”, e uma bacia grande de lavar roupa, mãe nós “vamo” tirar é xique-xique pra buta no fogo, menina vocês vão comer xique-xique? Vou botar xique-xique que nós “tamo” com fome enquanto papai aparece, com alguma coisa pra nós comer⁵⁸”.

Conforme revela a fala dessa agricultora pobre, ela foi obrigada a recorrer ao xique-xique⁵⁹ para amenizar a fome de seus filhos, enquanto aguardavam uma outra forma de socorro. Nesse caso, a chegada do chefe da família com algum alimento para saciar a fome. Também é perceptível na fala uma relação de compadres entre a família de agricultores em questão e o “compadre Sólon” e sua esposa “Rita”, ambos possuíam cargos dentro da prefeitura municipal, além de possuir uma propriedade de terras.

Já em famílias que possuíam exclusivamente a mulher como provedora do sustento familiar e que dependiam exclusivamente do que era produzido no campo, a partir de contratos com grandes proprietário de terra, em anos que não era produzido absolutamente nada, sobretudo nesse ano em específico, essas mulheres recorriam a outros meios de ganhar o sustento, como é o caso da agricultora Severina Maria dos Santos, que na eminência da seca buscou fazer lavagens de roupa para sustentar a família, conforme revela a fala abaixo:

Em 70 eu trabalhei muito alugado lavando roupa engomando fazendo essas coisas não tinha de que viver [...], eu vivia trabalhando, lavando roupa, engomando, trabalhando no hotel enquanto tinha aqui depois o hotel se acabou,

⁵⁷ Maria Gomes da Silva Oliveira, 79 anos. Entrevista concedida no dia 07 de janeiro de 2015. Moradora da comunidade de Serraria. Nessa época o marido da entrevista fazia “bicos” como pedreiro na Prefeitura municipal de Salgadinho.

⁵⁸ Maria Gomes da Silva Oliveira, 79 anos. Entrevista concedida no dia 07 de janeiro de 2015

⁵⁹ Planta espinhosa típica do nordeste brasileiro.

pronto ficou eu sozinha assim trabalhando no “mei” do mundo. Tive 15 “fie” morreu, só tem, morreu 3 e os “outro” tão vivo⁶⁰.

A seca em Salgadinho afetou principalmente os trabalhadores do campo com a perda da lavoura, mas afetou também os trabalhadores que exerciam suas profissões em áreas que não dependiam exclusivamente “do inverno”. A professora aposentada “Jandira Isabel da Silva”, que em 1970 lecionava na zona rural do município nos conta um pouco das dificuldades enfrentadas por ela no exercício diária da sua profissão:

“Há meu “fie” a seca de 70 foi terrível, pronto na seca de 70, eu ensinava nos Mocós, eu comecei em 59, 69 lá e em 70 eu “tava” “ensinano” lá na escola dos Mocós, saía daqui de seis horas, pra ir ensinar nos Mocó, e lá, e o pior que lá quando eu ensinava era muito ruim que não tinha nem merendeira, quando eu comecei, eu mesmo ensinava e fazia merenda tinha que sair daqui pro sitio Mocós, eu levava até “latra”, cortava lenha pra cozinha merenda e tudo, ai depois foi botado, uma irmã minha, ai foi que melhorou mais, mas era uma seca que eu nunca tinha visto uma seca daquela⁶¹”.

O público atendido pela escola na qual nossa entrevistada lecionava era exclusivamente da zona rural do município, alunos filhos de agricultores de regiões próximas as escolas, cabendo nos questionar qual era a situação desses alunos e de seus pais ao decorrer dessa seca, a mesma nos esclarece o seguinte:

“A Meu “fie”, lá a seca era grande, eles já vinham com fome por que os pai eram tudo agricultor, era difícil, o dinheiro que eles pegavam era da emergência ou se não a soroba que vinha “in” 70, e mesmo assim eles davam graças a Deus vim pra comer da merenda, que tinha a merenda que eu levava, a merenda era até, um..., acho que nem existe mais, uma história de um chamado buque, e é massa amarela, chamava isso, mas nessa época vinha muita merenda mermo, eles comiam pra encher a barriga, a os “pobe” era sofredor demais, agora hoje é outra coisa, mais as merenda que vinha, ela demora assim a vi, ai quando faltava eles achavam ruim que só, mas... vinha assim mermo. Eu tinha uma pena, tinha uns que era tão “magrim”, que tinha aqueles que tinham mais família passava mais necessidade⁶²”.

Portanto, em um ano de seca ou com “inverno” fraco os agricultores são os primeiros a serem impactados. Contudo, os trabalhadores da zona urbana ou que não dependem diretamente da agricultura para sobreviver, também sentem os reflexos desse fenômeno no seu dia-a-dia, apesar da situação ser mais caótica no meio rural.

⁶⁰ Severina Maria dos Santos, 79 anos. Entrevista concedida no dia 26 de Dezembro de 2014.

⁶¹ Jandira Isabel da Silva, 65 anos. Entrevista concedida no dia 17 de Abril de 2015. Apesar da entrevistada ser uma professora ela possui um “sotaque” e pronuncia as palavras de forma “errada”, mas nesse trabalho decidimos por manter a “originalidade” das falas dos entrevistados.

⁶² Idem, 17 de Abril de 2015.

2.5 O agravamento da seca e a disputa por alimentos:

Ainda no mês de abril de 1970, a população pobre do município se encontrava em condições de penúria, sendo assim o até então prefeito do município, Djalma Morais da Silva, recorre ao governador do Estado João Agripino, em busca da abertura de frentes de serviços para a população pobre, principalmente a população do campo, assim como esclarece o próprio prefeito em nota encaminhada para o Sr. Wilson Ribeiro de Rayzer, até então comandante da 5ª companhia de Infantaria da cidade de Campina Grande.

Declarado o estado de penúria em que se encontra todo o Nordeste principalmente o nn/Município, estivemos mais de uma vêz com o excelentíssimo senhor Governador do Estado, solicitando-lhe/ abertura de frentes de trabalho para o Município, a fim de conter a fome que desde os primeiros dias do mês de abril, campeia toda a população pobre desta comuna.

Ciente da impossibilidade de abrir tais serviços, o senhor governador autorizou ao Snr. Otávio Pinto, coordenador geral neste Estado dos gêneros Alimentos para a Paz, destinar a prefeitura de Salgadinho, viveres que seriam suficientes para distribuir a 200 famílias durante o mês, num total de 355 sacos de 22 kilos, composto de: BULGOR, CSM e FARINHA DE TRIGO⁶³.

Foram justamente esses 355 sacos de alimentos o alvo da discórdia que tomou conta do município no ainda no mês de maio de 1970. O vereador da ARENA José Pascoal Pinheiro, que exerceu o mandato entre os anos de 1969 à 1972, descontente com a quantidade de alimentos distribuída para a população e possíveis irregularidades nessa distribuição, liderou um movimento local de tentativa de invasão do depósito público de alimentos, conforme relata o então prefeito Djalma Morais na mesma nota citada anteriormente:

[...] José Pascoal Pinheiro, levando o problema para a esfera política, em virtude da distribuição ter sido confiada a minha modesta pessoa, criou um caso social junto aos demais flagelados do município, concitando-os a derrubarem a porta do depósito onde se encontravam os gêneros para saciar a fome, pois que, 10 quilos como estavam sendo distribuídos eram insuficientes para uma família passar a semana inteira se alimentando e que a fome é cega, não há barreiras. (Fatos presenciado por quantos presentes). Por sinal esta não foi a 1ª não foi a primeira vez e acredito não será a última a acontecer. Posição idêntica o mesmo denunciante tomou no início do ano de 1967, quando séria crise assolou o nosso Município, na época, o prefeito o Sr. Francisco Maciel de Souza, o qual poderá comprovar. Naquela época foi solicitada as providências junto ao chefe de

⁶³ Nota do prefeito Djalma Morais da Silva, publicada no dia 26 de maio de 1970 para esclarecer as denúncias do vereador José Pascoal que vieram a público no jornal “Diário da Borborema”.

polícia do Estado, tendo o mesmo autorizado ao delegado da cidade de Patos, escolta dos gêneros evitando assim qualquer tipo de baderna⁶⁴.

Segundo relato de Joaquim Leitão Sobrinho, o funcionário responsável pela entrega dos gêneros alimentícios a quantidade de alimento distribuída era insuficiente para saciar a fome da população durante a seca:

[...] Dava mais ou menos um quilo, um quilo, um quilo e meio, tanto assim de óleo (Gesto com a mão), uma manteigueira de manteiga, essas coisa pouca, e eu trabalhando ai, despachando, no dia “maicado”, tinha o dia de receber aquilo, tinha “pobe” que levava tão pouco, que dois dia não tinha mais, o resto de dia era pra sofrer, por que em 70 foi ruim né? Foi seco, muito “dependioso”⁶⁵.

Assim como mostra os fatos expostos, é evidente que os alimentos distribuídos pela Prefeitura Municipal de Salgadinho eram insuficientes para saciar a fome da população local, principalmente as pessoas pobres, que residiam nas áreas rurais e que haviam perdido tudo com a seca e que dependiam desses alimentos para sacia-la.

Já no dia 22 de maio de 1970 o vereador José Pascoal procurou a imprensa da cidade de Patos para denunciar irregularidades na distribuição dos gêneros alimentícios repassados pelo governo do Estado a partir do programa “Alimentos Para a Paz” conforme mostra a notícia abaixo:

Vereador acusa Prefeito de se apoderar dos víveres destinados aos flagelados

Informou de que os gêneros alimentícios enviados para os flagelados de seu município estavam sendo levados para a Fazenda do Prefeito onde estariam sendo escondidos, o vereador José Pascoal Pinheiro, de Salgadinho procurou inteirar-se da verdade, sendo informado por Anibal de Tal, que de fato havia retirado cinquenta sacos de gêneros, sendo dez de leite e quarenta de outros artigos, que foram levados para a fazenda do sr. Djalma Moraes, prefeito do município⁶⁶.

Logo que essa matéria foi publicada o irmão do prefeito de Salgadinho, Djair Moraes, procurou a reportagem do Diário da Borborema e confirmou que de fato ficaram cinquenta sacos de gêneros alimentícios na fazenda de sua família, todavia, esses alimentos seriam destinados as famílias que residiam dentro da fazenda e nas pequenas propriedades circunvizinhas:

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Joaquim Leitão Sobrinho, 90 anos entrevista concedida no dia 18 de abril de 2015, aparentemente o entrevistado possuía algum tipo de escolaridade, contudo, fala algumas palavras da forma que foi retratada.

⁶⁶ Diário da Borborema, 22 de maio de 1970.

Irmão do prefeito de Salgadinho esclarece que Alimentos Para a Paz não foi desviado

“Realmente ficaram cinquenta sacos de gêneros alimentícios na fazenda do prefeito Djalma Moraes – declarou à reportagem o sr. Djair Moraes.

Apenas, a história não foi bem contada pelo vereador José pascoal Pinheiro, na denúncia que fez através do “Diário da Borborema”⁶⁷.

Sobre este fato, Djair Moraes argumentou que:

Como um terço da área territorial do município seja composto por uma propriedade da família do Prefeito, onde vivem mais de duzentas famílias, foram mandados para ali cinquenta sacos de alimentos para atender às necessidades de suprimentos daquelas famílias, que estão vivendo o angustiante problema do flagelo que atinge todo o sertão.

Não foram, portanto, levados com má intenção como procurou fazer entender, o denunciante vereador José Pascoal. [...].

E isso mesmo foi comunicado ao Governador e ao coordenador dos Alimentos para a Paz na Paraíba, sr. Otávio Pinto⁶⁸.

O prefeito da cidade Djalma Moraes esclareceu também que:

Quando do recebimento dos gêneros aludidos e como se encontravam várias pessoas me esperando em nn/propriedade a fim de transmitir-lhes as providencias adotadas pelo Governo do Estado com referências ao angustiante problema da sêca, fato ocorrido no dia 03/05, autorizei ao portador dos gêneros que deixasse ali 50 sacos para serem distribuídos com aquelas famílias presentes, inclusive com os nn/moradores, os quais são também parte integrante do município e do flagelo que a esta altura assola todo o Nordeste⁶⁹.

Dentro dessa briga também existe a possibilidade de ter ocorrido agressões físicas entre José Pascoal, Djalma Moraes e seu irmão Djair Moraes, mas nenhuma das três partes assumem essas agressões. O fato é que José Pascoal como vereador da oposição, e apesar de ser vereador, também dependia dos alimentos. Vendo possíveis favorecimentos e jogos políticos com esse programa do Governo Estadual que havia beneficiador o município de Salgadinho se viu na obrigação de liderar um movimento de retaliação contra as ações do governo do prefeito Djalma Moraes.

⁶⁷ Diário da Borborema, 23 de maio de 1970.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Djalma Moraes da Silva, 26 de maio de 1970.

José Pascoal chegou a contestar as afirmações do irmão do prefeito dada ao “Diário da Borborema” e afirmou que:

“O que o sr. Djair Morais esclareceu a este jornal em resposta à denúncia que formulei contra seu irmão Djalma Morais, prefeito de Salgadinho, serviu apenas para confirmar o que eu já havia afirmado a respeito dos cinquenta sacos de gêneros alimentícios destinados aos flagelados e que foram retirados para a propriedade”.

Com estas palavras, o vereador iniciou sua entrevista, respondendo ao sr. Djair Morais.

Faltou com a verdade o irmão do prefeito de Salgadinho, quando disse que a mercadoria havia sido depositada na fazenda do prefeito para ser posteriormente distribuída com duzentas famílias residentes na propriedade do sr. Djalma Morais, que, segundo ele, cobre um terço da área do município.

Primeiramente, porque a propriedade em apreço não tem essa dimensão. Depois, porque não existem essas duzentas famílias residindo na dita propriedade⁷⁰.

Vamos aos fatos, assim como o próprio prefeito argumentou que os 355 sacos de gêneros alimentícios repassados pelo Governo do Estado seriam suficientes para alimentar a fome de cerca de 200 famílias de todo o município durante o mês de maio, Djair Morais, confirma que 50 sacos desses gêneros ficaram na fazenda de sua família para serem distribuídas para cerca de 200 famílias que viviam como moradores da fazenda e nas pequenas propriedades circunvizinhas, ou seja, existe uma notória contradição nesse discurso. Se 355 sacos seriam distribuídos para as 200 famílias de todo o município durante todo o mês de maio, como 50 sacos seriam distribuídos para 200 famílias que moram em uma única propriedade? Portanto acreditamos que dadas as dimensões dessa fazenda existe um grande engano quanto ao número de famílias que residiam nessa propriedade.

Antes de qualquer coisa é necessário fazermos alguns esclarecimentos acerca do conteúdo acima narrado. O fenômeno da seca provocou um descontentamento por parte da população de Salgadinho, principalmente pelo fato dos alimentos repassados pelo governo do estado serem insuficientes para sanar a fome da população local, sobretudo a parcela mais pobre da população salgadinhense, que dependia exclusivamente da agricultura de subsistência, José Pascoal, exercendo seu papel como um vereador da oposição a bancada do prefeito Djalma Morais, possuía como função primordial cobrar atitudes do prefeito diante do estado de calamidade em que se encontrava o município,

⁷⁰ Diário da Borborema, 30 de maio de 1970.

assim como era função do prefeito fazer de tudo para amenizar os impactos dessa seca sobre a população, principalmente os menos abastados economicamente.

Assim como já foi discutido em tópicos anteriores é fato que por trás da seca existia um jogo de intencionalidades por parte da elite paraibana e Salgadinho não foge desse universo. Então dado os fatos anteriores é necessário percebermos as intencionalidades dos sujeitos envolvidos nessas ações.

Não foi possível localizarmos outras pessoas pobres que se revoltaram com a distribuição de gêneros alimentícios e tentaram invadir o depósito público de alimentos da cidade.

O depósito público de alimentos da cidade foi efetivamente arrombado uma outra vez, conforme revela o relato de memória do senhor Joaquim Leitão, mas aparentemente não foi levado nada e não foi(ram) identificado(s) o(s) auto(res) de tal ação: Tentaram, arrombaram, mas... um buraquinho, mas não levaram nada não⁷¹...

É evidente que diante de desentendimentos entre prefeito e demais pessoas estas sendo identificadas, possivelmente receberiam algum um tipo de “tratamento” diferenciado, pelo menos na teoria. Na fala abaixo, temos a busca por um entendimento entre Djalma Morais e Joaquim Pascoal:

Diante das constantes insinuações de que derrubaria a porta do depósito onde se encontravam os gêneros e mesmo de que ainda mataria um cabra safado, resolvi na segunda feira 18 do corrente procura-lo para um entendimento de esclarecimento a fim de evitar maiores consequências.

Encontramo-nos na cidade de Patos e mostrei para ele a que ponto havia chegado suas insinuações. Tanto estava praticando um ato condenatório à opinião pública, incitando o povo a quebrar as portas do depósito onde se encontravam os gêneros que estavam sendo distribuídos indistintamente, **inclusive ele já os havia recebido** (grifo nosso), e também estava praticando uma ameaça de morte não somente contra a minha pessoa, como a várias outras do município e que tais atos poderiam prejudica-los sensivelmente⁷².

Segundo o (a) Sr. (a) X⁷³, questionada sobre a frequência com que ocorria a distribuição dos alimentos e se existia alguma forma de perseguição política pelo governo

⁷¹ Joaquim Leitão Sobrinho, 90 anos entrevista concedida no dia 18 de abril de 2015.

⁷² Djalma Morais da Silva, 26 de maio de 1970.

⁷³ Nome fictício, objetivando proteger a identidade da pessoa entrevistada

municipal o (a) entrevistado(a) mencionou a seguinte frase, que nos possibilita percebermos o clima do município na época:

[...], mas não tinha toda vida não, era pouco e a gente tinha “sirma” de vim né? Pra ver como recebia a gente lá, até “pilera” a gente ouvia, a gente “cirmava” de vim.

No relato acima é evidente que diante da oposição de algumas pessoas ao prefeito era evidente que existia um tratamento diferenciado a essas pessoas, não necessariamente pelo prefeito Djalma Moraes, essas ações poderiam ser tomadas até mesmo por funcionários da prefeitura, contudo ele como prefeito acabava recebendo a culpa de tais ações já que eram funcionários submetidos a ele que praticavam essas atitudes.

2.6 As ações de “ajuda” aos “flagelados” da seca em Salgadinho:

A primeira forma de socorro da população de “flagelados” da seca em Salgadinho foi o já mencionado e alvo de tanta discórdia no município, o programa “Alimentos pela Paz”, que consistia na distribuição de alimentos feita mensalmente durante o período de seca para a população mais pobre do município.

Já a segunda ação que geralmente são os serviços de emergência, ou frentes de serviços, inicialmente não foi autorizado e nem repassado recursos pelo Governo do Estado para abertura dessas frentes de serviços, porém com o agravamento da seca no município foram abertas já na segunda metade do ano de 1970 duas frentes de trabalho, ambas as frentes visavam a construção e melhoria de estradas do município.

A primeira frente de trabalho visava a construção da estrada de ligação entre a PB-14, que cortava todo o território do município, com o povoado de Serraria, essa empregou 31 homens, na grande maioria agricultores.

Já a segunda visava a construção do trecho de ligação entre a sede do município e o povoado de São José da Batalha, empregando 37 homens, não há relatos nas fontes dessa pesquisa de outras frentes de trabalho. Conforme revela Geraldo Leite da Nóbrega, o mesmo nos mostra por meio de sua fala que só existia obras em estradas, sendo que o pagamento era feito parte em dinheiro parte em alimentos, como pode ser percebido a partir do trecho, abaixo:

[...] só aquelas “estradinha”, não tinha açude não, aquelas estradinha do município, pagando com aquele “buque”, ou maça amarela, uma coisinha “piquininha” em dinheiro, nem sei quanto era mais, então foi uma coisa terrível, terrível⁷⁴.

Essas duas frentes empregavam juntas algo em torno de 68 homens que recebiam uma diária que variava de 1,5 para o apontador, a 0,50 cruzeiros para trabalhadores, alguns trabalhadores recebiam 1 cruzeiro por dia enquanto outros recebiam 0,50, durante a pesquisa não foi possível identificar as reais causas dessa distinção entre os próprios trabalhadores. Portanto, um trabalhador que recebia 0,50 cruzeiros por dia em 25 dias trabalhados ganhava cerca de 12,50 cruzeiros no mês. Aparentemente não foi registrado outro tipo de serviço de emergência no município, como por exemplo a construção de açudes.

Portanto, neste capítulo tentamos mostra os vários aspectos da seca na Paraíba e em especial em Salgadinho, nesse universo micro histórico, que não se diferenciava das demais regiões do Estado. Embora possuísse suas peculiaridades que só são perceptíveis se colocado nessa perspectiva, tentando identificar os sujeitos envolvidos nessas ações de revolta e suas intencionalidades. Assim, o objetivo não é julgar, até porque esse não é o papel do historiador, e sim perceber os sujeitos sociais do cotidiano, principalmente os pobres do município e suas ações de sobrevivência diante da seca.

Diante da situação de penúria que assolava todo o Nordeste, em especial o município de Salgadinho, muitos homens e mulheres pobres migraram para outras regiões do próprio estado ou do país e será esse processo de migração que discutiremos no próximo capítulo, em especial os homens e mulheres pobres de Salgadinho que migraram de forma temporária ou permanente objetivando fugir da seca e dos problemas estruturais deste fenômeno.

⁷⁴ Geraldo Leite da Nóbrega, Entrevista concedida no dia 05 de janeiro de 2015.

CAPÍTULO III: O processo de migração em Salgadinho - PB

No terceiro e último capítulo discutiremos o processo de migração⁷⁵ provocado principalmente pela longa estiagem que atingiu o município de Salgadinho no ano de 1970 e pelo quadro de subdesenvolvimento em que se encontrava toda essa região, portanto, embora a seca seja o fator principal, que levou as pessoas pobres a deixarem o município, essa também passou a ser uma atenuante para uma situação que já se encontrava crítica, principalmente para as pessoas pobres da região. O homem pobre do campo que num ano normal “lucrava” o necessário para sobreviver durante todo o ano, em épocas de seca, em especial em 1970, onde quase toda a lavoura foi perdida com a seca, restando apenas duas opções para o homem pobre do município: as ações de socorro promovidas pelo Estado e na migração para outras áreas do próprio Estado da Paraíba ou outras regiões do Brasil.

As ações de emergências do governo estadual em parceria com órgãos federais que teriam como objetivo diminuir os impactos da seca sobre a população mais pobre, na maioria das vezes não alcançavam tal objetivo, essas frentes de trabalho não passavam de medidas paliativas que levaram a população atingida a depender de uma mísera remuneração, insuficiente para a sobrevivência de uma família, essas medidas de emergência eram tomadas com o objetivo de suprir as necessidades imediatas da população, atingida durante a fase crítica da seca e, até certo ponto, de contribuir para amenizar os seus efeitos⁷⁶.

Essas frentes de trabalho também contribuíam para manter a população do “campo no campo”. No entanto, essas ações emergenciais apresentavam algumas falhas, como por exemplo, pagarem um salário insuficiente para a sobrevivências dessas pessoas ou pela existência de alguns tipos de privilégios político às elites locais. As políticas públicas de socorro aos “flagelados” apresentavam falhas que acabavam por prejudicar principalmente a população mais pobre de cada município ou região, os que deveriam ser os principais beneficiados por essas ações.

⁷⁵ Migração e emigração nesse texto são tidos como sinônimos.

⁷⁶ BRANCO, Adélia de Melo. Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000. p. 85.

Sendo assim, os sertanejos que não viam outras formas de sobrevivência dentro do seu município, seja pelas falhas nas ações de socorro ou seja por outros fatores, acabavam migrando para outras regiões da Paraíba ou Brasil, nesse último a principal rota dos migrantes era para a região Sudeste. Vale salientar que as ações emergenciais, atacavam apenas os problemas imediatos provocados pela seca, problemas endêmicos que atingiam os municípios há décadas eram deixados de lado.

Portanto, as pessoas pobres viam na migração a única possibilidade de sobrevivência, surgindo portanto a figura do retirante da seca, que em uma definição mais “simplória” seria um conjunto de pessoas que emigram fugindo da seca. Os “retirantes” não são uma exclusividade da seca de 1970 a ações desses grupos são discutidas ao longo da “história das secas” no Nordeste e estão presentes nas memórias das pessoas pobres que vivenciaram algum tipo de seca.

Em entrevista concedida numa tarde de sexta-feira do dia 26 de dezembro de 2014, a agricultora Severina Maria dos Santos, atualmente com 82 anos. Confessa que migrou do município de Juazeirinho para Salgadinho, onde reside até os dias de hoje. Isso ocorreu em 1947 acompanhado seu avô que era funcionário da *Collier*, ela acabou se casando no município de Salgadinho em 1950 e “deixou a vida de migrante”, já o seu avô aposentou-se na *Collier* e foi morar em “estaca zero”, hoje atual município de Assunção, porém a entrevistada nos revelou, que segundo o seu avô em períodos de seca eles migravam para outras áreas do Estado, conforme podemos perceber a partir do relato abaixo:

{...} Meus avôs contavam que eles quando eram novo ia simbora, dizia vamos simbora pra Condado, pra “Corema”, toda vida “hove” esses dois açude, preeminente que não se acabava a água lá, ficava pouquinho mais não se acabava, saiu com a troxa na cabeça, os troço que levava era só os pano, ai iam “simbora”, no “camim” pediam comer pelas casas dos fazendeiros e, uns dava outros não dava, uma vez minha avó contava que o pai dela chegou mais eles e a mãe dela, e a família deles, era quinze filhos, ai era tudo morrendo de fome ai se arrancharam debaixo de um pé de “imbuzero”, encostado no pé de “imbuzero” tinha uma casa, casa veia que que não tinha gente, ai ele disse “vamo” se arranchar aqui, que pelo “meno”, tem essa casa veia pra gente amparar o frio⁷⁷.

⁷⁷ Severina Maria dos Santos, 82 anos. Entrevista realizada no dia 26 de Dezembro de 2014. Reside hoje na Zona Urbana do município de Salgadinho, mas trabalhou no campo como meeira e posteriormente em sua pequena propriedade de terras.

Geralmente esses grupos de “retirantes” buscavam abrigo em residências de cidades ou na zona rural para passar a noite e seguir viagem no outro dia:

Ai pronto se arrancharam lá, ai disseram e comer aqui “num” tem nenhuma perto que a pessoa peça ao “mendo” água, ai olharam, meu avô disse “eu vou “acular”” era meio longe “vê se a mulher dar “mendo” água pra gente beber de noite” ai foi quando vinha, ai os filho dele era um monte de rapaz, “rapazim” assim, ai foram e disseram “vamo” fazer um fogo e “vamo” assar esse corro foram dentro da casa velha e acharam um pilão, o povo saíram e deixaram, “vamo” assar esse corro pra nós comer, ai quando meu avô veio e trouxe uns “carocim” de feijão que a mulher tinha dado, e tinha um menino pequeno, a mulher deu um pouquinho de leite, ai, e um pote de água, uma vasilha d’água que eles levaram ai pronto, minha avó disse “graças a Deus, que meu filho não vão morrer de fome, que vão comer esse comer hoje e nós toma um “cafezinho” “, e eles pisando o corro, fizeram tanto assim de farinha do corro que assaram ai comeram, [...] ai pronto ai foram “simbora”, chegaram lá nesse canto em Condado, não em São Gonçalo, ai chegaram lá foram pra beira do açude, tinha uns pé de pau, lá se sentaram, se arrancharam e foram trabaíar, assim umas horinha, “trabaíar”, ajudar o povo, que o povo pra não da de uma vez o comer eles ajudavam deram um pouquinho de batata um pouquinho de feijão, umas espiga de milho ai pronto, dai durmiram e no outro dia foram pra São Gonçalo⁷⁸.

Quando a viagem não era bem sucedida o grupo familiar era obrigado a voltar para o seu lugar de origem:

Nessa viagem que foram não achava apoio pra morar, ai meu avô disse “Sabe de uma coisa vamo voltar pro brejo, eu acho que no brejo tá chovendo” ai passou lá, lá vem outros “aretirantes”, também com a toxa na cabeça, ai perquntou, “amigo da onde vem” ele disse “amigo velho do brejo, mas pensei que pra quir tinha chovido, que nós somos daqui vou voltar pra lar que no brejo choveu muito” ai meu avô disse “sabe de uma coisa vamos voltar” ai voltaram dessa viagem voltaram já tinha chovido, foram trabalhar na terra deles {...}⁷⁹.

Apesar desse estudo focar apenas o ano de 1970 e o relato acima não datar dessa temporalidade é importante trazemos essa discussão, pois a partir desse relato podemos perceber um pouco do cotidiano desses “retirantes” durante os períodos de seca, apesar de ser evidente que comparando uma seca com outra existe rupturas e permanências, todavia, nesse depoimento a entrevista nos dá uma noção de como era o deslocamento dos grupos de “retirantes” pelo interior do estado na busca incessante pela sobrevivência. Nessa saga em particular os sujeitos históricos buscavam regiões que possuíam água.

O processo migratório era uma constante para as famílias pobres. Conforme revela Antônio Otaviano não existia um padrão único de deslocamento das famílias sertanejas

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

diante da seca. As estratégias variavam conforme os estamentos sociais e também a circunstância da chegada da escassez de chuvas⁸⁰.

Já a Socióloga Marilda A. Menezes analisando migrações no sertão de Cajazeiras, estado da Paraíba, entre as décadas de 1970-1980, vai apontar a migração como uma experiência histórica de reprodução social do campesinato do Nordeste brasileiro:

{...} a migração tem sido uma prática social histórica dos pequenos proprietários moradores e reideiros, remontando, conforme nossa pesquisa, aos primórdios do século XX. Quem migra é o indivíduo, no entanto, a migração é uma estratégia familiar que se fundamenta no ciclo de vida, idade e sexo. Alguns membros da família ficam e outros partem, os que partem podem se estabelecer definitivamente nos lugares de destino, ou retornar periodicamente⁸¹.

Apesar da seca também afetar os grandes proprietários quem migra na maioria das vezes são os moradores, reideiros, meeiros e pequenos proprietários que são os maiores prejudicados pela seca. Enquanto os primeiros têm mais acesso às medidas para mitigar a ameaça, os últimos contam com menos opções, a mais importante delas sendo a emigração. Os pequenos proprietários recorrem a essa solução já que, as oportunidades de um trabalho assalariado, são limitadas, em decorrência da baixa demanda de mão-de-obra na pecuária⁸².

Migrar, ou melhor, “retirar-se” é um recurso que, embora estratégico, representa a morte simbólica da estrutura familiar: a seca venceu no território dela, embora não tenha destruído a família, obstaculizou-a de tal modo que sua função mais precípua – garantir a sobrevivência de todos, em especial, das crianças – simplesmente não pode ser atingida. A família falhou, e só pode reencontrar seu caminho numa experiência de renascimento, em outro lugar, com outras possibilidades de existência⁸³.

⁸⁰ JUNIOR, Antônio Otaviano Vieira. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto – MG, 2002. p. 15.

⁸¹ MENEZES, 2009, p.270.

⁸² BRANCO, Adélia de Melo. Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000. P. 89. Apud Amaral e Nogueira, 1993; Branco, 1995b; Brooks, 1972)

⁸³ MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas | Núm. Especial: América Latina (2012). P. 21.

3.1 Formas de migração:

Existiam duas formas predominantes de migração, a primeira consistia na migração coletiva do grupo familiar composto pelos pais e filhos, essa estratégia era menos comum já que demandava uma infraestrutura bem maior, assim como é apresentado no depoimento anterior. Já o segundo método é a migração individual, ou seja, apenas um único membro do grupo familiar migrava para uma outra região em busca de trabalho, esse tipo de deslocamento era, na maioria das vezes masculino. O homem partia e deixava a mulher e os filhos. O que nesses casos poderia acontecer, [...] era o fato desses homens servirem como batedores para a família. Eles se deslocavam sozinhos, e com isso ganhavam facilidade para andarem e não sujeitavam a família às agruras do desconhecido, localizavam áreas que tivessem condições melhores de alimentação e voltavam para apanhar o restante dos familiares⁸⁴, existe também uma variação para esse caso, o membro familiar migrava, conseguia trabalho, enviava essa ajuda durante o período de seca assim que a seca era extinta o migrante retornava para a sua região de origem repetindo esse processo várias vezes ao longo da vida, sempre que julgar-se necessário. A migração coletiva poderia ser temporária ou permanente, já a individual era na maioria das vezes apenas temporária.

3.2 Migração em Salgadinho durante o ano de 1970:

Não existe estatísticas sobre o processo de migração no município de Salgadinho, seja ele individual ou coletivo, temporário ou permanente, contudo em ofício encaminhado ao diretor geral do departamento de assuntos culturais, ao que tudo indica, do governo do Estado, o prefeito Djalma Moraes relata o seguinte:

⁸⁴ JUNIOR, Antônio Otaviano Vieira. “O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850)”. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto – MG. 2002, pág:24.

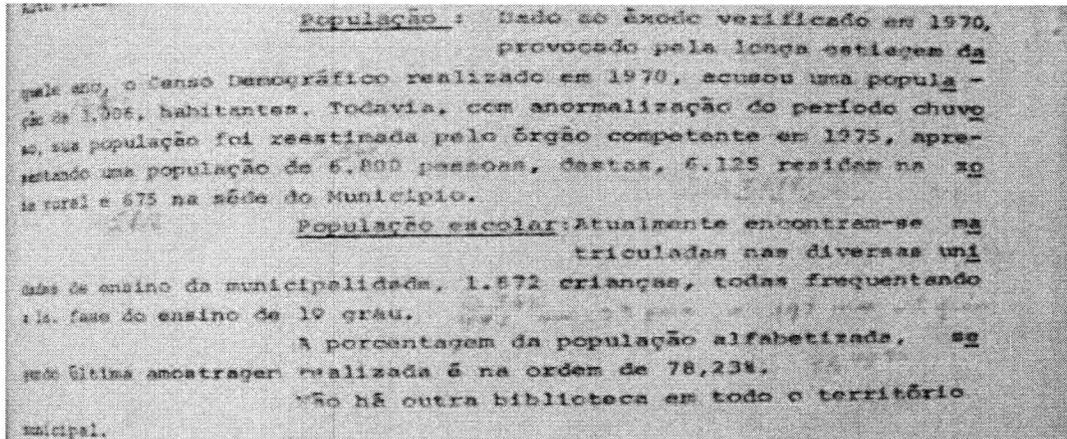


Figura 5: Ofício da prefeitura municipal de Salgado encaminhado ao diretor geral de assuntos culturais no dia 10 de agosto de 1977.

Esse ofício é datado de 1977, porém os dados nele apresentados equivalem de 1970 a 1975, em 1970 a população do município era estimada em mais ou menos 3.000 habitantes, como o próprio ofício relata em 1975 essa população foi reestimada pelos órgãos competentes, não foi citado quais foram esses órgãos, em 6.800 habitantes, nessa “recontagem” o número de habitantes mais do que dobrou, o principal argumento do prefeito para um aumento tão repentino da população foi a seca de 1970. Esses números não foram confirmados pelo IBGE, órgão responsável pelo censo de 1970 e também durante o desenvolvimento desta pesquisa não foram localizados nenhum dado oficial do IBGE que confirme os números presentes nesse ofício, especialmente os números dessa recontagem de 1975, pelo contrário os números oficiais do IBGE apontam o seguinte:

Décadas	1970	1980	1991	2000	2010
Número de habitantes do município:	3012	2893	2710	2823	3508

Tabela 1: Número de habitantes do município de Salgado entre os anos de 1970 e 2010. FONTE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

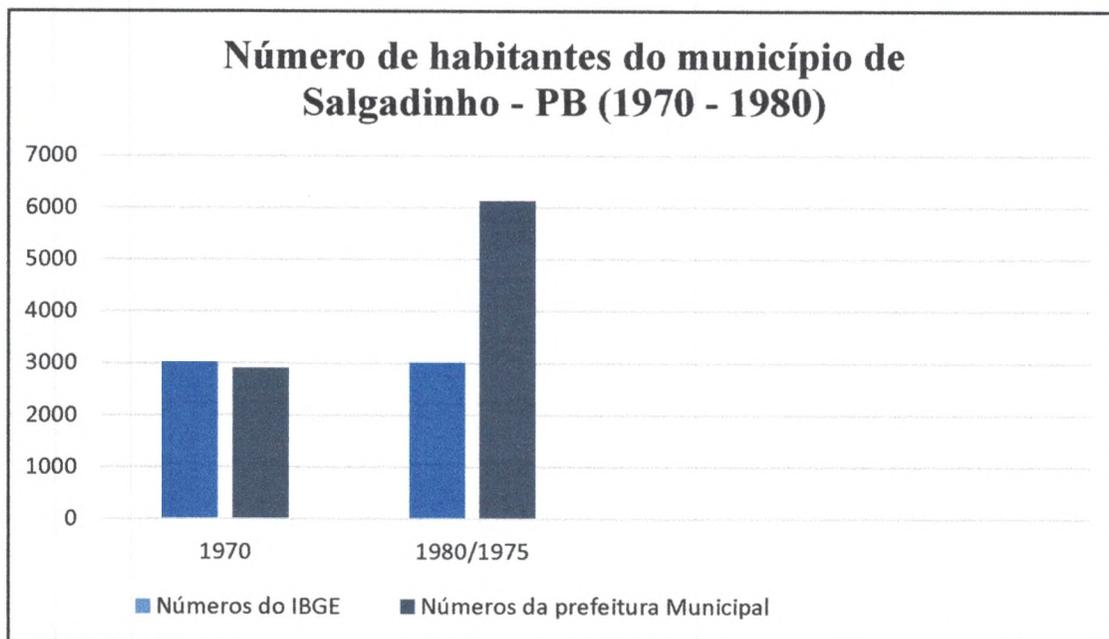


Gráfico 1: Número de Habitantes segundo o IBGE e a Prefeitura Municipal de Salgadinho FONTES: IBGE e Prefeitura Municipal de Salgadinho.

Conforme demonstrado tanto na tabela, quanto no gráfico acima, existe uma discrepância entre os números oficiais do IBGE e os números apresentados pela prefeitura municipal de Salgadinho, principalmente no intervalo de tempo entre as décadas de 1970 e 1980, diferentemente dos números apresentados pela prefeitura, o IBGE só vem apontar um crescimento do número de habitantes nos anos 2000, no que diz respeito ao intervalo de tempo entre as décadas de 70 e 80 o mesmo órgão vai apontar uma nesse número.

Com a seca de 1970 alguns homens e mulheres pobres deixaram o município de Salgadinho em busca de trabalho em outras regiões, conforme percebemos nos relatos de memória colhidos durante a pesquisa e conforme revela o relato abaixo da senhora Judite de Jó Leite, agricultora e mãe de 6 filhos que morou na zona rural do município até 1997, quando se mudou para a zona urbana. Durante a seca de 1970 o grupo familiar de “Dona Judite”, como é conhecida no município, migrou para uma região chamada pela mesma de “bronome” e depois de três meses foi embora para João Pessoa.

O que a senhora tem a dizer sobre a seca de 1970?

É o que eu tenho de dizer da seca de 70 é que foi seco muito né? Muita dificuldade, eu ainda sai lá pro bronome pra “megença”, ainda passeia lá uns três mês.

A senhora trabalhava em que? nos serviços de emergência?

Não eu fui com “quina”, “quina” era que trabalhava.

Ele fazia o que? Ele trabalhava em estradas?

Ele trabalhava nas estradas, tinha a menineira que eu levava depois não “tava” dando ele veio, foi embora pra João Pessoa, nós “fumo” pra João Pessoa, “passemos” lá uns três meses também, aí a molequeira adoeceu, aí eu voltei {...}.

Assim como é relatado acima o grupo familiar migrou duas vezes durante a seca de 1970, ao contrário do que é de costume, nesse caso, não ocorreu uma migração individual e sim de todo o grupo familiar, ao perceber que a situação não estava “boa” em determinada localidade, migrava para outra região. Percebemos também a ineficácia dos serviços de emergência que possuíam como objetivo “ajudar” a parcela mais pobre da população do município.

O ano de 1970 não foi a única ocasião em que o marido da “Dona Judite” migrou do município de Salgadinho para outras regiões do país, em outras ocasiões ele foi embora para as regiões centro-oeste e sudeste trabalhar na construção civil, o principal argumento para essa “fuga” era a falta de trabalho no município assim como as dificuldades ocasionadas pelas secas cíclicas.

Migrar não era um comportamento apenas dos habitantes da zona rural, pessoas da zona urbana também migravam, claro que com menos frequência, como é o caso do senhor Joaquim Leitão Sobrinho:

Aqueles que tinha mais disposição ia “simbora”, os outro ficava sofrendo aqui, eu mermo não passei muita privação, por que quando aqui não dava eu ia pra outro canto, eu sai daqui passei sete mês em Petrolândia, fui fazer um serviço lá, uma caixa d’água, e de lá vim me bora pra qui, e fui sofre de novo⁸⁵.

O relato acima demonstra que até mesmo pessoas que possuíam trabalho no município também migravam, embora que a linha temporal do entrevistado não seja tão concisa, as ações por ele citadas foram durante as décadas de 70, 80 e 90 embora as secas também tenham influenciado nessas ações e mudanças para outras regiões, mas, diferentemente do grupo familiar da nossa entrevistada, a migração desse senhor foi individual, ou seja, o grupo familiar do senhor Joaquim Leitão permaneceu morando em Salgadinho e apenas ele foi buscar trabalho em outras regiões, aqueles que ficam para trás

⁸⁵ Joaquim Leitão Sobrinho, entrevista concedida no dia 10 de março de 2015.

contam, para a sua sobrevivência, com as remessas de dinheiro enviadas por parte dos membros-migrantes⁸⁶.

Temos também o caso de jovens que migravam acompanhados dos pais e de pessoas conhecidas da região em que moravam, como é o caso do senhor Oscar Gomes da Silva, hoje com 65 anos, em 1970 o mesmo possuía apenas 21 anos, agricultor aposentado e morador da zona rural do município, hoje reside no povoado de Serraria a 14 Km da sede do município, conforme o trecho abaixo o entrevistado nos narra como foi a primeira busca por trabalho fora do município a partir do momento em que a seca já estava instaurada e sua família já tinha perdido toda a plantação:

Em 70 nós, no início da seca, quando terminou o período do inverno, aí ninguém não lucrava nada, aí disseram que tinha a “megerça” em Soledade, aí nos “fumo” pra Soledade foi onze pessoas daqui pra Soledade, nos “passemo” três dia em Soledade nos três dias aí disseram que não tinha mas a “megerça” aí ninguém tinha o dinheiro pra vim “simbora”, pra voltar pra casa⁸⁷.

Conforme foi apresentado no capítulo anterior, as primeiras frentes de trabalho instauradas pelo governo do Estado eram limitadas a apenas sete e uma delas estava localizada na cidade de Soledade.

Essa primeira tentativa do senhor Oscar foi falha, em virtude da falta de vagas na frente de trabalho de Soledade. Assim como ele nos confidencia logo acima, em decorrência deste “erro”, em determinado momento ele, seu pai e mais nove pessoas estava em Soledade sem trabalho e sem dinheiro, esperando uma oportunidade para voltar para a casa, fica claro nessa ocasião as dificuldades da migração em grupos:

{...} aí os outro era daqui tudinho, da serraria, aí nós, aí pai chegou um caminhão com uma sinuca, aí pai tirou a sinuca do caminhão aí o caba deu um dinherim a pai, só que tinha esse dinheiro era pai, aí dava pra eu modo mais pai vim até a barra, aí ficava nove, sem vim, que não tinha dinheiro pra vim, aí pai disse “Assim vai tudim a pé”, aí nos saímo de pé uma hora da tarde de Soledade, saímos de pés quando deu sete hora da noite nós tava em “Juazerim” aí pai comprou um quilo de açúcar e um litro de farinha, em 70 não tinha quilo ainda não, era um litro, e um litro de farinha de mandioca, aí quando nós “saímo” de “Juazerim”, fora da rua, aí pai misturou esse açúcar com a farinha pra onze pessoa comer, aí nos “comemo” essa farinha com açúcar e “arrastemo” de lá pra cá, quando nós vinha chegando em assunção ia dá uma hora da manhã aí tinha um bocado que não podia andar mais não, (risos), aí nos se deitamos debaixo de uma moita de “mufumbo” quando deu três hora, nós “arrastemo” de lá pra cá, quando o dia amanheceu nós vinha chegando em “Salgadim”, vimo chegar aqui

⁸⁶ BRANCO, Adélia de Melo. Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000. p. 90.

⁸⁷ Oscar Gomes da Silva, entrevista concedida no dia 04 de março de 2015.

no outro dia era oito hora da manhã, acabando de morrer “todim” estropiado, sem poder andar⁸⁸.

Essa é uma verdadeira aventura de um grupo de migrantes ou “retirantes” em busca de trabalho em outras regiões do Estado, com uma primeira tentativa falha o grupo arriscou uma segunda tentativa conforme apresentaremos abaixo:

{...} ai nos “passemos” uns quinze dia, quando foi de uns quinze dia, ai eu fui pra Santa Luzia, eu e Basto de Severina do finado Júlio, irmão de mocinha de Zé Grosso, e pai, ai quando nós “cheguemos” lá, nós “passemos” três dias sem se alistar, ai nós se “alistremo”, quando nós se “alistremo” era pra ir trabalhar num lugar chamado “tanque d’água”, que fica de Várzea pra frente um pouco, ai quando foi com dois dia ai o dinheiro de nós acabou e nós não tinha o que comer, era tudo passando fome, ai basto disse “o que é que nós vamo fazer? da vida de nós”, ai eu disse “vamo pedir”, ele disse “pedir?” eu disse “sim”, ele disse “nós uns caba novo que nem nós, nós vamo pedir”, eu disse “oxente ou nós pede ou nós roba, por que nós vamo morrer de fome? ninguém tem o que comer, ninguém tem dinheiro”, ai ele disse “não eu mermo não peço não” eu disse “bora “simbora”, ramo pras bodega pedir”, ai nos saímos, chegava nas bodega, nó falava, dizia “nós “viemos”, nós não “somo” daqui, “samo” de Salgadinho, perto de Taperoá se “alistremo”, ai só vamo daqui a três dia pro campo, pro serviço, trabalhar e tá tudo com necessidade, nem tem dinheiro nem tem comida pra comer” ai o povo era só dando, ai nós “enchemos” um saco de fera nas bodega, ai eu dizia se você não quiser dar, quiser vender quando nós tiver trabalhando que arrumar o dinheiro... eles diziam “não, pode levar pra comer”, ai quando nós andemos... que era feira que eles davam pra gente levar pro serviço, sobrava pros três dias, ai eu disse “vamo” na casa do “pade” pro “pade” dá um dinheiro a nós, ele disse “sois doido, de ir pra casa do “pade”, “pade” não dá nada a ninguém não” eu disse dá ai nós fumo pra casa do pade, quando chegou lá, eu chamei, o “pade” saiu, eu contei a situação a ele, ele me deu cinco conto, o pade de Santa Luzia, eu não me lembro do nome dele ai me deu cinco conto na época ai eu disse “pia aqui Basto o monte de dinheiro que o pade me deu” ai ele disse “mas rapaz, foi dinheiro demais” ai eu sei que quando foi de noite ai eu me deitei, eu “tava” dormindo, quando foi no outro dia, ai Basto disse “mas rapaz tu “tava” dormindo “onte” à noite, ai tu se virasse na rede e dizendo “o gato grande” (risos), ai quando foi no outro dia eu joguei um real em gato, quando foi a “mei” dia, gato, ai eu tirei mais dezoito conto, oxe foi dinheiro que nós fomo “simbora” de Santa Luzia pro campo trabalhar e o dinheiro não acabou-se mas não (risos), ai nós trabalhemos ainda oito mês, “trabalhemos” ainda oito mês, lá na “megença” de lá, ai de lá nós só saímos quando choveu, ai quando foi pra setenta e um, ai caiu a chuva, o ano bom ai nós “prantemo”, “lucremo” ai não sai de casa mas não”, foi só esse período de 70, agora de Soledade pra “qui” nós “sofremo”, “sofremo” como nunca, em setenta, o sofrimento foi grande, o caba sair uma hora da tarde de Soledade e chegar aqui no outro dia de oito hora da manhã, menino... de pés, onze pessoa (risos), sem ter... nem tinha dinheiro pra comer e nem tinha dinheiro pra vim, também⁸⁹.

Embora esse seja um relato bastante longo, se faz necessário transcrevermos o mesmo na íntegra para compreendermos o cotidiano desses grupos de migrantes que

⁸⁸ Oscar Gomes da Silva, entrevista concedida do dia 04 de março de 2015.

⁸⁹ Oscar Gomes da Silva, entrevista concedida do dia 04 de março de 2015.

saíam de sua terra natal em busca de trabalhos nas frentes de serviços do Governo do Estado. Afinal, assim como mencionado na introdução desse trabalho um dos objetivos da pesquisa e fazer o “regate” da história do cotidiano das pessoas pobres afetadas pela seca no município de Salgadinho.

Nesse depoimento percebemos as astúcias desses “retirantes” na busca pela sobrevivência, essas astúcias vão desde pedir ajuda ao padre da cidade até mesmo fazer uma “fezinha” nos jogos de azar.

Questionado sobre os motivos que levaram ele e seu pai a saírem do município de Salgadinho em 1970 o senhor Oscar nos revela que essa não foi uma atitude apenas dele e do seu pai, várias pessoas deixaram o município e foram trabalhar em outras regiões:

{...}o povo era tudo trabalhando fora, era quase “tudim”, era o povo quase todo, um bocado trabalhava em Cubatí, perto de Soledade e tinha, os outro que foram trabalhar lá onde nós trabalhava, onde eu trabalhava também, daqui foi quase “tudim” “simbora”, trabalhava fora, a “megença” que teve aqui só era do finado Djalma mesmo, o finado Djalma era prefeito de “Salgadim”, ai tinha um serviço nessas estrada a troco de massa amarela, era uma massa amarela que tinha, buque, aveia e óleo de peixe e feijão, feijão era só o pedaço, não tinha caroço inteiro não, ai o povo trabalhava e o finado Djalma dava, chegava... tinha dia que chegava de doze hora da noite pra despachar uma hora da manhã, e o povo em casa acabando de morrer de fome, “tudim”, não tinha comer pra ninguém não, e nessa época o caba que morava por aqui se adoecesse uma pessoa tinha que vender uma galinha que criar-se em casa ou uma cabrinha, alguma coisa, pra levar o doente pra rua e fretar um carro pra levar que não tinha não, tinha a prefeitura, e tinha o prefeito agora só tinha a camioneta que era o transporte do finado Djalma anda pra ninguém não tinha nada não, era zero só era pra ele mesmo e pronto ninguém tinha direito a nada (risos)⁹⁰.

Como já foi discutido os serviços de emergência chegaram em Salgadinho bem tardiamente, além de serem insuficientes para o sustento dos beneficiados, os migrantes do município viam uma oportunidade de sobrevivência e de ganharem mais dinheiro buscando emprego em outras áreas do Estado, Oscar nos revela que com o que ele ganhava trabalhando fora de Salgadinho era suficiente para ele e sua família comprarem o sustento e ainda alguns objetos de uso particular:

Dava, dava, nós... eu trabalhava mais pai, era solteiro, eu trabalhava mais pai, la em casa era dez “pessoa”, dava pra “tudim” comer, o que nós ganhava, a fera que pai fazia era grande com o dinheiro que eu ganhava na “megença”, e nós comprava roupa, comprava calçado, dava pra tudo. O que “nós ganhava” era suficiente “mermo”, o dinheiro⁹¹.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem.

Quem não conseguia emprego nas regiões circunvizinhas, nem nos serviços de emergência do próprio município saíam para outros estados do país, principalmente para os estados da região Sudeste, essa migração era tanto temporária quanto permanente:

Quem não conseguia foi “simbora” pro Rio de Janeiro, São Paulo só vivia fora os daqui tudi, os que não conseguia ia “simbora” pra fora. Passava só o período da seca e depois voltava, desde dessas viagem que o povo começaram a ir “simbora” que tem meio mundo de gente fora, que mora fora, ainda tem, ai já morreu gente pra lá, lá mesmo se enterra, fica por lá mermo e ainda tem muita gente daqui fora⁹².

Assim como já vem sendo apresentado a migração em Salgadinho era ocasionas tanto pela ocorrência da seca, como pelo quadro de subdesenvolvimento que se encontrava instaurado no município, portanto, a seca atua apenas como um “estopim” para essa migração. A migração diante da seca pode ser vista como um fator para amenizar os impactos dessa sobre uma determinada classe social como também como uma estratégia de sobrevivência, dada a precariedade das alternativas locais. Portanto, na seca os domicílios eram afetados pela pobreza e miséria que se acentuavam com a escassez das chuvas. A falta de água e de alimentos para a população fazia dos deslocamentos familiares uma estratégia de sobrevivência⁹³.

Conforme apresentamos anteriormente, a grande maioria dos migrantes do município de Salgadinho eram trabalhadores provenientes da zona rurais, que trabalhavam como parceiros, meeiros ou que possuíam pequenas propriedades da onde retiravam o seu sustento. Porém não devemos incorrer ao erro de imaginar que essa tenha sido a via mais importante, ou mesmo a única possível. Seria ingênuo afirmar um *note principal*, levando em conta que certamente houve múltiplos caminhos, vários vetores diferentes que alentaram a possibilidade da migração⁹⁴.

Uma série de fatores levavam uma pessoa ou grupo familiar a migrar para uma outra região até então desconhecida, a principal justificativa para essa migração é a seca, todavia, analisando cada caso em uma perspectiva do micro, percebemos que fatores locais também influenciam na decisão de uma determinada pessoa em migrar, como é o caso de Salgadinho, tínhamos a seca mais também tínhamos o quadro de

⁹² Idem

⁹³ JUNIOR, Antônio Otaviano Vieira. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto – MG, 2002. p. 8.

⁹⁴ CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. As secas e as migrações entre o Ceará e o Território Amazônico (1845-1877), p. 13.

subdesenvolvimento que se encontrava o município, sem nenhuma de sobrevivência para a população mais pobre e pela falta de políticas públicas que atacassem diretamente o “problema”. As políticas emergenciais chegavam tardiamente e beneficiavam um número reduzido de pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A seca é um fato recorrente no Nordeste brasileiro, apesar de ser um fenômeno climático este também reflete no meio social da região, sendo dramatizada, teatralizada e até mesmo servindo como indústria para a elite local. Além de ser e ter sido objeto de estudo para diversos pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.

Este trabalho teve como objetivo compreender os aspectos característicos da seca de 1970 no município de Salgadinho-PB, privilegiando as ações de sobrevivência, tais como “saques” e migração, realizadas pelas pessoas pobres do município durante a seca, além de “privilegiar” os de baixo, as pessoas pobres do município. Analisando, também a história cotidiana dos agricultores, meeiros, poceiros e migrantes da região.

Salgadinho, como um município que foi emancipado no início da década de 1960 e que possuía um “quadro econômico bastante defasado”, com a economia baseada quase que unicamente na agricultura e pecuária de subsistência, apesar de possuir uma população relativamente pequena, em épocas de seca a população pobre enfrentava graves problemas, ainda mais dos que já eram enfrentadas no dia-a-dia em épocas de chuvas normais, em uma região que já possuía um quadro de pobreza instaurado e com o atenuante da seca a situação crítica se tornava ainda mais pior.

A seca de 1970 ficou marcada na memória das pessoas pobres do município, sendo referenciada até os dias de hoje, sendo relativamente comum essas pessoas se referirem a essa seca com um marco divisor, ou seja, os que viviam no município naquela época fazerem compararem dessa seca com outras secas instauradas posteriormente, até mesmo com as da atualidade.

O que podemos constatar, a partir desta pesquisa é que uma miríada de fatores, levaram a seca de 1970 a ficar na memória dessas pessoas e se considerada pelos populares como uma das mais intensa dos últimos anos. Destacamos o fator econômico, como um dos principais. A intensidade da seca e a falha nas ações de socorro aos “flagelados” contribuíram para esse quadro, restando como única opção para essas pessoas buscarem outras formas de sobrevivência, seja saqueado o depósito público ou migrando para outras regiões da Paraíba ou do país. Claro que existia uma contribuição do jogo político local. Diferentemente de outras localidades da Paraíba os saques em

Salgadinho não foram tão intensos, muito menos tivemos a chegada de multidões de “flagelados” como ocorreu nas cidades circunvizinhas.

Ainda há muito a ser produzido sobre esta temática, como optamos por um recorte temporal e espacial curto, podemos dar continuidade em um futuro “próximo” a pesquisa a partir de duas linhas diferentes, com uma espacialidade maior, ou seja, Borborema e Sertão paraibano ou tendo o próprio município de Salgadinho como objeto, mas com uma temporalidade maior. Evidentemente que “privilegiado” sempre a história dos de baixo, no entanto as “elites” não serão silenciadas ou deixadas de lado, estas perdem apenas o papel de protagonistas principais da história.

Os capítulos dessa pesquisa foram cuidadosamente pensados afim de apresentar o município ao leitor, sem deixar de lado o objeto do estudo. O primeiro capítulo como uma apresentação do município, o segundo apresentando a seca e como está se comportou no decorrer do ano de 1970 na Paraíba e em posterior em Salgadinho e por fim o terceiro e último capítulo, que busca analisar uma das consequências para a seca que é a migração. Sempre buscando o diálogo entre as fontes e a bibliografia escolhida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Angelita Carla Pereira e SOUSA, Dominick Frarias de. **A Guerra dos Bárbaros na Capitania real da Paraíba**. TARAIRIÚ-Revista Eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB. Campina Grande. Número 04, Abr./Mai de 2012, Vol. 1. Disponível em: http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n4/art2.pdf. Acesso em junho de 2015.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

BRANCO, Adélia de Melo. **Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre**. João Pessoa: UFPB: Ed. Universitária, 2000.

CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. **As secas e as migrações entre o Ceará e o Território Amazônico (1845-1877)**. Disponível em: http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v7n1/Espacialidades_v7n1_02.pdf. Acesso em junho de 2015.

CASTRO, Iná Elias de. **O Mito da Necessidade: Discurso e pratica do regionalismo nordestino**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1992.

CIRILO, J. A., MONTENEGRO, S. M. G. L., CAMPOS, J. N. B., A questão da água no semiárido brasileiro. Disponível em: <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-811.pdf>. Acesso em junho de 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abuso da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlos. O nome e o como troca desigual e mercado historiográfico. In. **A micro-história e outros ensaios**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

GUERRA, Lucia de Fatima. **Raízes da Indústria da seca: o caso da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

JOFFILY, Irineô. **Notas sobre a Parahyba**. Fac-símile da primeira edição publicada no Rio em 1892. Brasília: Thesaurus editora, 1976.

JUNIOR, Antônio Otaviano Vieira. **O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850)**. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto – MG: s.n. 2001. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/.../GT_His_ST4_Vieira_texto.pdf. Acesso em junho de 2015.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meios dos periódicos**. In. **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

MAIA, Mônica Emanuela Nunes. **A NECESSIDADE E O CHICOTE”: seca e saque em Limoeiro do Norte (1950 – 1954)**. Fortaleza: UFC: Dissertação de Mestrado, 2005. Disponível em: www.historia.ufc.br/admin/upload/Dissert_Completa.pdf. Acesso em maio de 2015.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. **Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil**. 2012. Disponível em:

<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/nomadas/americalatina2012/marcospaulosantarosa.pdf>. Acesso em maio de 2015.

MATTOS, Marcelo Badaró. **E. P. Thompson e a crítica ativa do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.

MENEZES, Marilda A. 2014. **Trabalhadores migrantes: processos de expropriação e reprodução da família**. Campinas, SP: s.n., 2014. Disponível em: www.redesrurais.org.br/6encontro/trabalhos/Trabalho_75.pdf. Acesso em maio de 2015.

NEVES, Frederico de Castro. 2000. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In. A escrita da história: novas perspectivas. Peter Burke (Org.). São Paulo: UNESP, 1992, pp. 39-62.

SILVA, Josinaldo Gomes da. **Imagens do moderno em Patos – PB: (1934 – 1958)**. Campina Grande: Dissertação de Mestrado, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312887461_ARQUIVO_IMAGEN_SDOMODERNONACIDADEDEPATOSPB.pdf. Acesso em junho de 2015.

_____. **Historiografia paraibana: olhares sobre a seca**. Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de – Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964. Campina Grande: s.n., 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/anpuhpb/XVI/paper/viewFile/2509/547>. Acesso em agosto de 2015.

_____. **Salgadinho-PB, 50 anos de emancipação política: memórias e cotidianos**. Campina Grande: Livro ainda não publicado, 2012.

_____. **Gente pobre do campo no sertão paraibano: trabalho e resistência (1940-1950)**. In. Anais eletrônicos do XXVIII - Simpósio nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, SC. 2015. p.1. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434222319_ARQUIVO_GENTEP_OBREDOCAMPONOSERTAOPARAIBANO.pdf. Acesso em setembro de 2015.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade**. Tradução Denise Bottmann.vol.1 – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Periódico:

Diário da Borborema, Campina Grande, 1970.

Instituições Pesquisadas:

Arquivo online do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1970

Sites:

<http://www.salgadinho.pb.gov.br;>

[http://www.ibge.gov.br/home/;](http://www.ibge.gov.br/home/)